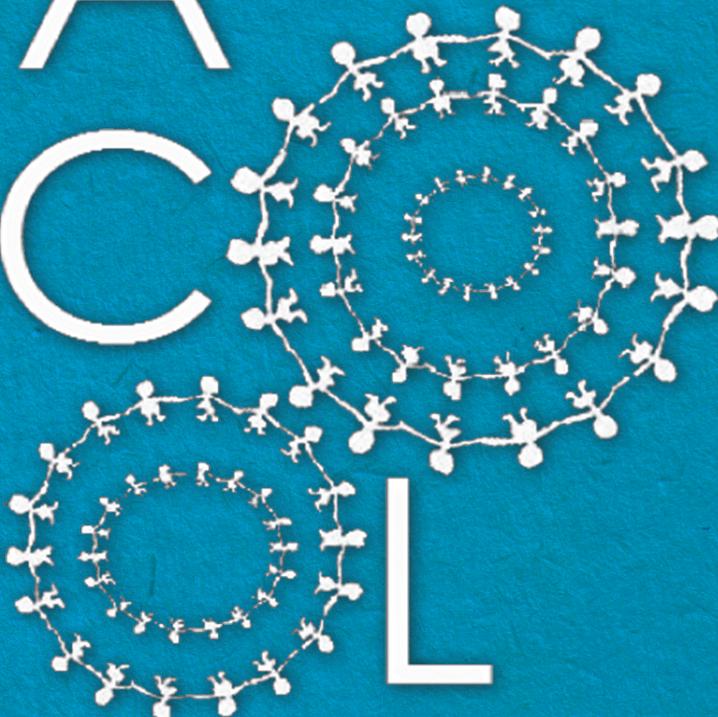


EJA EC SOL



O TRABALHO ASSOCIADO E AUTOGESTIONÁRIO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

CADERNO
3

Economia solidária, produção associada
e autogestão



Criar uma nova cultura não significa apenas fazer, individualmente, descobertas originais, significa também e sobretudo difundir criticamente verdades já descobertas. Socializá-las por assim dizer, transformá-las portanto em bases de ações vitais, em elemento de coordenação de ordem intelectual e moral.

Antonio Gramsci

FICHA CATALOGRÁFICA

TIRIBA, Lia e FISCHER, Maria Clara Bueno (coord.). Cadernos EjaEcosol. O trabalho associado e autogestionário na Educação de Jovens e Adultos (Material Pedagógico). Niterói, RJ: Incubadora de Empreendimentos da Economia Solidária – IEES / Universidade Federal Fluminense, 2012.

Ministério do Trabalho e Emprego
Paulo Roberto dos Santos Pinto (interino)

Secretaria Nacional de Economia Solidária – SENAES/MTE
Paul Israel Singer

Departamento de Estudos e Divulgação – SENAES/ MTE
Valmor Schiochet

Ministério da Educação - MEC
Aloizio Mercadante

Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão - SECADI
Claudia Pereira Dutra

Universidade Federal Fluminense
Roberto de Souza Salles

Instituto de Ciências Humanas e Filosofia – ICHF
Francisco de Assis Palharini

Incubadora de Empreendimentos da Economia Solidária da Universidade Federal Fluminense (IEES-UFF)
Maria Lucia Pontual Braga
Barbara Heliodora França
Sérgio Ricardo Castilho

Coordenação do Projeto Ações de Apoio à Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores em Articulação com a Economia Solidária
Sérgio Ricardo Castilho
Bárbara Heliodora França
Érica Barbosa
Lia Tiriba
Olinéa Cysneiros

Coordenadores de Educação de Jovens e Adultos
Eliane de Oliveira (Rede Municipal de Educação de São Gonçalo – RJ)
Ana Cristina Costa Magalhães (Rede Municipal de Educação de Niterói – RJ)

Coordenação do material pedagógico
Lia Tiriba
Maria Clara Bueno Fischer

Consultores
Sônia Rummert
Henrique Tahan Novaes
Jaqueline Ventura
Osmar Fávero

Professores das Redes Municipais de Educação de Niterói e São Gonçalo
(Ver nominata na 3ª capa)

Bolsistas da/ na Equipe Pedagógica
Diego Azevedo Sodré
Diego Sandins Ramos de Almeida
Gisela Milagres
Marcia Meireles
Tatiana de Lourdes Venceslau
Vitor Garcia
Monique Feder

Bolsistas Eja/Ecosol
Carolina Pazos Pereira
Clariana Morato Alcântara
Cristiana Maria da Silva
Diego Azevedo Sodré
Diego Sandins Ramos de Almeida
Flávia Ruas Fernandes Pereira
Gisela Milagres
Marcia Meireles
Monique Feder
Raquel Silva Barreto
Sandra Mara Alves Amâncio
Tatiana de Lourdes Venceslau
Thais Danton Coelho
Thaís Barrozo Melo
Valesca de Souza Almeida
Vitor Garcia

Apoio técnico-pedagógico
Diego de Azevedo Sodré
Marcia Meireles

Programação visual e diagramação
Sylvio Marinho
Daniel Tiriba

Logomarca do projeto Eja/Ecosol
Monique Feder

Revisão
Cristiana Deluiz

Edição
Lia Tiriba

Olá, professores e professoras de Educação de Jovens e Adultos!

Olá, formadores e formadoras em Economia Solidária!

Olá, educadores e educadoras!

Bem-vind@s aos Cadernos EjaEcosol ! Organizado em seis cadernos, cada pedacinho do material pedagógico que ora apresentamos em formato digital, foi construído pensando em possíveis maneiras de articular processos de Educação de Jovens e Adultos aos princípios e práticas da Economia Solidária. No Caderno 1 encontram-se os fundamentos teórico-metodológicos que orientam os demais Cadernos, todos eles compostos de seis sessões que buscam contemplar dimensões teóricas e práticas necessárias à educação/formação em Economia Solidária – formação essa que, aos poucos, estende-se à escola pública.

A partir da premissa do trabalho associado e autogestionário como princípio educativo na constituição de novas relações econômicas, sociais e culturais, o material pedagógico pretende ser um meio pelo qual podem ser reveladas as experiências dos trabalhadores-estudantes, bem como suas capacidades de trabalho associado e autogestionário, inclusive as latentes e não manifestas. Tendo em conta a base curricular nacional de EJA, ao trazer para o currículo escolar as relações entre trabalho associado e educação, nossa intenção é contribuir para que, no interior da escola pública possam ir se tecendo práticas educativas em consonância com uma cultura do trabalho calcada nos princípios de solidariedade, autogestão do trabalho e da vida social.

Envolvendo professores e professoras das redes públicas de educação dos municípios de Niterói e São Gonçalo (Rio de Janeiro), gestores públicos, educadores dos Fóruns de Economia Solidária e outros interessados em EjaEcosol, a matriz do material formativo-pedagógico e de apoio didático foi produzida nas oficinas e discussões realizadas no Projeto de Extensão Ações de Apoio à Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores em Articulação com a Economia Solidária, desenvolvido no ano de 2011, pela Incubadora de Empreendimentos da Economia Solidária - IEES, da Universidade Federal Fluminense - UFF. Em relação à metodologia e conteúdos dos processos de formação em Economia Solidária que propomos desenvolver na Educação de Jovens e Adultos – EJA, também levamos em conta os conhecimentos até então acumulados no movimento mais amplo da Economia Solidária, expressos nos documentos elaborados pelo Fórum de Economia Solidária – FBES, Centro de Formação em Economia Solidária – CFES e Secretaria Nacional de Economia Solidária – SENAES. Entre os sujeitos dos Cadernos EjaEcosol, não podemos deixar de registrar a consultoria de pesquisadores, bem como a presença de estudantes da UFF que, na condição de bolsistas, participaram como mestres e aprendizes.

O caminho se faz ao caminhar... A todos e todas, agradecemos pela solidariedade e compromisso ético-político em defesa da educação integral das trabalhadoras e trabalhadores-estudantes de EJA.

Equipe EjaEcosol

Envie sugestões e comentários para cadernosejaecosol@gmail.com

CADERNO 1
EjaEcosol na teoria e na prática

Fundamentos teórico-metodológicos
 Biblioteca Virtual
 Navegação solidária
 Videoclipes e filmes de curta
 Sala de leitura (textos em PDF)
 Referências bibliográficas


CADERNO 2
Economia solidária e mundo(s) do trabalho

Para início de conversa...
 Atividades pedagógicas
 Palavras de trabalhadores-estudantes
 Produção associada de saberes
 O mundo dentro e fora da escola
 O que é o que é....


CADERNO 3
Economia solidária, produção associada e autogestão

Para início de conversa...	9
Atividades pedagógicas	16
Palavras de trabalhadores-estudantes	45
Produção associada de saberes	50
O mundo dentro e fora da escola	57
O que é o que é....	65

CADERNO

4

Economia solidária, processo de trabalho e processo educativo

Para início de conversa...
 Atividades pedagógicas
 Palavras de trabalhadores-estudantes
 Produção associada de saberes
 O mundo dentro e fora da escola
 O que é o que é....



CADERNO

5

As feiras de troca como espaço de aprendizagem de novas relações sociais de produção

Para início de conversa...
 Atividades pedagógicas
 Palavras de trabalhadores-estudantes
 Produção associada de saberes
 O mundo dentro e fora da escola
 O que é o que é....



CADERNO

6

Desenvolvimento local, tecnologias sociais e finanças solidárias

Para início de conversa...
 Atividades pedagógicas
 Palavras de trabalhadores-estudantes
 Produção associada de saberes
 O mundo dentro e fora da escola
 O que é o que é....



Economia Solidária, produção associada e autogestão



Para início de conversa...

A produção e a reprodução de nossas vidas, de geração em geração, dependem da forma como a sociedade se organiza do ponto de vista econômico, cultural, político e estético. Produzir e compartilhar os resultados de nosso trabalho, de forma coletiva e democrática, questiona profundamente os modos hegemônicos de viver no capitalismo. A competição e a heterogestão estão tão arraigadas, que produzir associativamente e de forma autogestionária parece uma utopia. Mas, como diz o poeta Mario Quintana,

Se as coisas são inatingíveis...ora!
Não é motivo para não querê-las...
Que tristes os caminhos, se não fora
A mágica presença das estrelas!
(Das utopias!)

A história dos trabalhadores por uma vida digna tem sido impulsionada por utopias que, por serem arraigadas na prática, cultivam esperança. O movimento da economia solidaria possui princípios que alimentam as práticas, que sempre são incompletas, inacabadas e imperfeitas, pois são profundamente humanas. Os princípios são: a) apropriação coletiva dos meios de produção; b) a gestão democrática das decisões pelos trabalhadores/as; e c) decisão coletiva sobre os rumos da produção e sobre a forma de utilização dos excedentes (sobras). Caracteriza-se, portanto, como uma economia que se constrói numa perspectiva não capitalista. A história da humanidade é permeada por experiências de economia não capitalista, como as comunidades quilombolas e as tribos indígenas. Essas contêm características de produção da vida compartilhada que contribuem para alimentar utopias concretas, aquelas cujos sinais estão encarnados nas formas de produzir a existência.

A história dos trabalhadores por uma vida digna tem sido impulsionada por utopias que na prática, cultivam esperança. (...) Caracteriza-se portanto, como uma economia que se constrói numa perspectiva não capitalista.

Economia Solidaria implica em associar-se na produção e na vida social. Associar-se é organizar-se e agir coletivamente em torno de ideais e objetivos comuns. Poderíamos dizer que as pessoas se associam de variadas formas e por diferentes motivos: por que se identificam com um determinado estilo de vida e/ou compartilham das mesmas concepções de mundo e de sociedade, querem experimentar e exercitar as mesmas práticas, reivindicar os mesmos direitos e objetivar a realização de interesses comuns, etc. As organizações associativas podem ser de abrangência local, regional, nacional e internacional e, dependendo do contexto histórico, dos objetivos e do grau de organização interna dos grupos e classes sociais, podem ter curta ou longa duração.

Tomamos como exemplo de associativismo o caso do Fórum Social Mundial (FSM), cuja primeira edição aconteceu em Porto Alegre (RS) em 2001. Neste e em outros casos, a adesão e a permanência no grupo são voluntárias; os princípios que regem a organização associativa, bem como as regras e normas de convivência são estabelecidos, formal ou informalmente, pelos seus integrantes. Seja por motivos políticos, econômicos, religiosos, recreativos ou de qualquer ordem, o associativismo tem como característica a construção de laços sociais que são calcados na confiança, cooperação e reciprocidade, conferindo aos participantes o sentimento de pertencimento a um grupo.

Seja por motivos políticos, econômicos, religiosos, recreativos ou de qualquer ordem, o associativismo tem como característica a construção de laços sociais que são calcados na confiança, cooperação e reciprocidade, conferindo aos participantes o sentimento de pertencimento a um grupo.



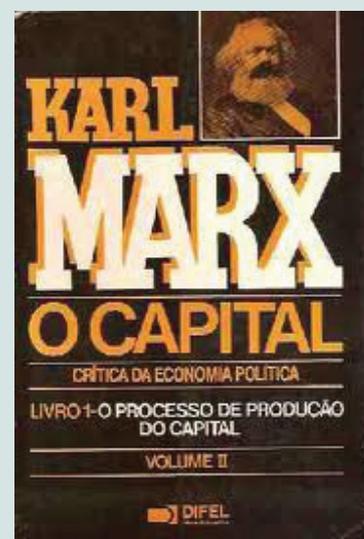
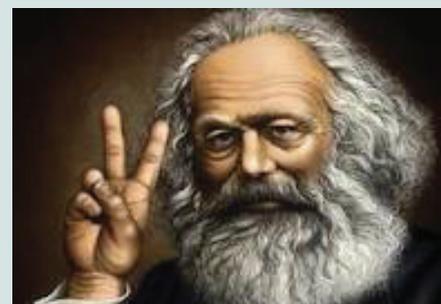
Uma pesquisa sobre **economia popular** (Tiriba, 2001) nos indica que as estratégias associativas de trabalho e de sobrevivência, fundadas em relações de doação, cooperação e reciprocidade têm sido fundamentais para preservação de melhoria da qualidade de vida de um grande contingente da classe trabalhadora. Nos bairros populares dos grandes centros urbanos, além da organização de festas e de outras formas que propiciam a troca de afetividade, jovens e adultos se associam para cuidar das crianças (em sua própria casa ou criando creches comunitárias), para limpar o valão, para protestar contra a violência da polícia, enfim, para tentar garantir as condições mínimas para seguir vivendo. Ou como nos diz Cariola (1992), frente à ausência do Estado, a reprodução social dos setores populares exige a ativação de mecanismos de solidariedade que vão desde ações espontâneas a práticas informal ou formalmente organizadas para obter ganhos “extra econômicos” necessários para a sobrevivência

Podemos inferir que existe uma grande diversidade de práticas solidárias que repercutem em diferentes estilos de associatividade. Como as pessoas não se associam apenas por uma ‘causa nobre’, “a questão é saber com quem nos associamos (se com o vizinho ou com o FMI) e, com que critérios se estabelecem as regras do jogo (com relações de dominação ou igualdade)” (Tiriba, 2004, p. 93). A Economia Solidária, a produção associada e a autogestão no trabalho e na vida em sociedade constituem-se numa forma de associativismo que afirma a liberdade e a emancipação individual e coletiva. Referem-se a um conjunto de práticas coletivas de pessoas ou grupos sociais que se identificam por compartilhar concepções de mundo e de sociedade fundadas no autogoverno e autodeterminação das lutas e experiências das classes trabalhadoras. Ao contrário da heterogestão, os princípios, as regras e normas de convivência que regem o trabalho associativo e autogestionário são criadas e recriadas pelos seus integrantes (TIRIBA e FISCHER, 2011a).

Frente a ausência do Estado, a reprodução social dos setores populares exige a ativação de mecanismos de solidariedade



De forma mais específica, produção associada pode ser entendida: a) como trabalho associado ou processo em que os trabalhadores se associam na produção de bens e serviços; e b) como a unidade básica da “sociedade dos produtores livres associados”. Importante destacar que, na perspectiva do materialismo histórico, o termo *produção* diz respeito à totalidade dos processos de criação e recriação da realidade humano-social, nos quais, mediados pelo trabalho, o ser humano confere humanidade às coisas da natureza e humaniza-se com as criações e representações que produz sobre o mundo. Para Karl Marx, no horizonte da emancipação humana, o “modo de produção de produtores associados” seria fundado na propriedade e gestão coletiva dos meios de produção e distribuição igualitária dos frutos do trabalho. Para referir-se às formas como a produção associada pode apresentar-se na sociedade capitalista, utiliza os termos trabalho associado, produção coletiva, sociedades cooperativas e associação cooperativa. A cooperação (Marx, 1980) pode ser entendida como tal para produtividade do trabalho (e não do capital). No entanto, alerta que, enquanto as associações cooperativas não se desenvolverem em nível nacional, representarão apenas “um estreito círculo dos esforços casuais de grupos de trabalhadores”. Condena a desvirtuação que fazem os “porta-vozes e filantrópicos da burguesia” (apud Bottomore, 1993, p. 20) ao transformar a cooperativa em instrumento de valorização do capital. Para ele, a derrota do capitalismo só será possível com o poder político nas mãos das classes trabalhadoras; no entanto, mesmo limitada na sociedade capitalista, acredita que a produção associada seja a célula da “sociedade dos produtores livres associados”.



No sentido restrito, autogestão é uma prática social que se circunscreve a uma ou mais unidades econômico-sociais, educativas ou culturais em que, em vez de deixar a organização do processo de trabalho aos capitalistas e seus representantes e/ou delegá-la a uma “gerência científica”, os trabalhadores/as tomam para si, em diferentes níveis, o controle dos meios de produção, do processo e do produto do trabalho. No sentido político, econômico e filosófico, as práticas sociais autogestionárias carregam consigo o ideário da superação das relações sociais capitalistas e a constituição do socialismo, concebido como uma sociedade autogestionária. Em ambas as acepções, as práticas de autogestão visam à constituição de uma cultura do trabalho distinta da cultura do capital (TIRIBA e FISCHER, 2011b)

As condições objetivas e/ou subjetivas, nos diversos espaços/tempos históricos, vão circunscrever as possibilidades e os limites da produção associada e da autogestão. Há de se levar em conta as artimanhas e imperativos do sistema do capital, no interior do qual os trabalhadores/as associados constroem e reconstróem relações econômico-sociais e culturais em sua associação, cooperativa, empreendimento solidário. E, ainda, a relação do empreendimento com os demais movimentos sociais populares e com o próprio Estado, assim como os limites impostos pela sociedade de classes às formas de organização da produção em que são os próprios trabalhadores quem decidem o que, para quê e como produzir. “O que é extraordinário (porque não é percebido corretamente) não pode ser confundido com o impossível. A ‘utopia concreta’ é o ‘extraordinário possível’ (BOURDET, Y in NASCIMENTO, C. 2008, p. 33).

Há de se levar em conta as artimanhas e imperativos do sistema do capital, no interior do qual os trabalhadores/as associados constroem e reconstróem relações econômico-sociais e culturais em sua associação, cooperativa, empreendimento solidário.



Lia Tiriba e Maria Clara Bueno Fischer



Ementa: Princípios da Economia Solidária. Economia Solidária e outras formas não capitalistas de produção da vida social: indígenas, quilombolas... Associativismo, cooperativismo e Economia Solidária. Autogestão do trabalho e da vida social. Propriedade individual X propriedade coletiva dos meios de produção. Trabalho assalariado X trabalho associado. Heterogestão X autogestão.

Referências bibliográficas

CARIOLA, C. Sobreviver en la pobreza: en fin de una ilusión. Caracas: Cendes/Nueva Sociedad, 1992.

QUINTANA, Mario. Das utopias. Mario Quintana: 80 anos de poesia. Organização Tânia Franco Carvalho. 13ed.São Paulo: Globo, 2005, p.76.

MARX, Karl. O capital. Livro I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

NASCIMENTO, Claudio. Economia e utopia. Outra economia. Vol. II, n.3, 2008, www.riless.org.br (acesso em 16/11/11)

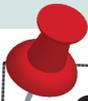
TIRIBA, Lia e FISCHER, Maria Clara Bueno. Formação de jovens trabalhadores associados na produção da vida: questões para debate. Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, 2011a, vol.14, n.1, pp.13-29.

TIRIBA, Lia e FISCHER, Maria Clara Bueno. Produção associada e autogestão. Verbete. No prelo, 2011b.

TIRIBA,Lia. Economia popular e cultura do trabalho: pedagogias da produção associada. Ijuí: Unijuí, 2001.



Atividades Pedagógicas



Componente curricular: Educação Artística

Conteúdo: Danças circulares

Objetivo: Compreender as relações entre trabalho e cultura nas formas comunitárias de viver que são expressas, entre outras formas, nas danças circulares

Trabalho e cultura

Há muito tempo atrás, os povos africanos e indígenas, em sua grande maioria, organizavam-se coletivamente. E até hoje insistem em produzir a vida associativamente, o que repercute nas manifestações artísticas presentes no território brasileiro. O jongo, o samba, a capoeira, o funk, o hip-hop, entre outros, são expressões artísticas criadas por negros em sua experiência diaspórica nos países em que foram escravizados. Além disso, temos a presença de várias mulheres e homens escritores, artistas plásticos, arquitetos, políticos negros que, em suas obras, defendem a liberdade e os direitos dos negros que foram negados pela escravidão e pela opressão. Diversos povos indígenas existentes em nosso país também contribuem para essa multiiculturalidade do povo brasileiro, que se manifesta através de suas maneiras de produzir a existência e de expressá-las pelas artes, nas cerâmicas, festas, entre outras formas.



A **Economia Solidária** defende a “não discriminação de sexo, cor, posição política ou religiosa”. Este princípio implica, na prática, no conhecimento e reconhecimento das diversas culturas a que pertencem os sujeitos individuais e coletivos que participam desse Movimento. Mergulhar em nossas raízes é analisar as relações de trabalho e as expressões artístico-culturais dos povos que ajudaram a construir nossa identidade. Uma forma de expressão recorrente nas experiências de vida desses povos, e tantos outros, são as danças circulares.



DICAS

● **ARAÚJO, Emanuel. A mão afro-brasileira: significado da contribuição artística e histórica.**

Ed. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo e Museu Afro-Brasil, 2010. 2ª edição.

● Ler o texto **O que são as Danças Circulares?** de B.Wosieneu.

<http://migre.me/9nwhm>

● Propor aos estudantes atividades pedagógicas em que expressem corporal e artisticamente a própria experiência de trabalho.



Comunidade Quilombola Capão Verde (Mato Grosso)

Recurso didático: Vídeos

Passo a passo

1 - Assistir à reportagem da *Oficina de Danças Circulares*, produzida pela Aperipê TV e apresentada no programa Aperipê, em janeiro de 2011

<http://migre.me/9nwCa>

E também ao vídeo *Sou de Jongo*, de Paulo Carrano

<http://migre.me/9nwDI>

2 - Conversar com os trabalhadores-estudantes sobre a experiência com dança, inclusive danças circulares.

3 - Realizar oficinas de danças circulares com os estudantes e dialogar sobre as relações entre viver em comunidade, de forma autogerida, e manifestações culturais. Explorar as relações entre tais manifestações – os valores que carregam, a estética das mesmas, os sentimentos que geram, as crenças – e as formas dos povos se relacionarem, por meio do trabalho, com a natureza e com seus semelhantes. Dialogar sobre a relevância de cultivarmos formas estéticas e lúdicas associadas ao trabalho associado e à vida coletiva.

Avaliação: Preparar uma apresentação de danças circulares a ser feita para toda a comunidade escolar. Deve ser acompanhada por falas dos estudantes sobre as relações entre manifestações artístico-culturais e a organização econômica e política da sociedade.



DICAS

- Assistir o vídeo **Yaõkwá, um patrimônio ameaçado**, para entender mais sobre as relações entre cultura e organização econômica e social



<http://migre.me/9nwIh>

- Leia o verbete **Cultura do trabalho**, no Caderno 4

Componente curricular: Educação Física

Conteúdo: Corporeidade

Objetivos: Compreender a dimensão social e mecanismos de controle do corpo e da mente dos trabalhadores no capitalismo. Reconhecer que a autogestão do trabalho e da vida social contribui para a libertação do corpo e da mente dos trabalhadores.

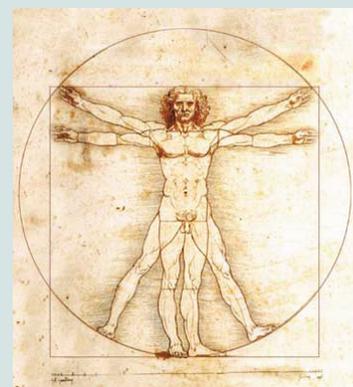
Corpo fala? O que fala o corpo?

O poema de Carlos Rodrigues Brandão reafirma a sentença de Charles Chaplin: “Não sois máquinas! Homens é o que sois!”. E por sermos homens, e não máquinas, “o corpo fala”, e, ao falar, denuncia que o trabalho, como atividade fundamental à vida, significa morte para milhares de trabalhadores. Em função das contradições criadas pelo sistema capitalista, este não pode abrir mão dos mecanismos de controle do trabalho e processos de formação a fim de disciplinar os corpos e mentes dos trabalhadores. O tempo que prevalece é o da produção (e não o da preservação da saúde). O modelo de corpo-máquina reitera a ideia de que a saúde é um problema individual, e não social. Rompendo com esta concepção mecanicista e individualista, a Economia Solidária apresenta outras formas não capitalistas de produção da vida social. Considerando que, no processo de produção da vida, homens e mulheres tornam-se cada vez mais consciente das suas ações, tanto no que diz respeito a sua relação com a natureza como nas suas relações sociais, o que podemos fazer para que a voz do corpo seja um instrumento de denúncia e transformação das condições de vida e de trabalho da classe trabalhadora?



DICAS

- Para aprofundar seus conhecimentos sobre questões vinculadas à saúde do trabalhador, ver site da Associação Brasileira de Pós-graduação em Saúde Coletiva: www.abrasco.org.br



Recursos didáticos: *A Trama da Rede* (Carlos Rodrigues Brandão); Filme *Tempos Modernos*, de Charles Chaplin

Passo a passo:

1. Propor uma leitura coletiva do poema *A Trama da Rede* (pág. 23), problematizando com os estudantes a temática “corpo e trabalho” na produção da vida social.

2. Assistir ao filme *Tempos Modernos* (<http://migre.me/9nwNq>), solicitando a observação do ritmo do processo de trabalho e do corpo humano. Sugira que os estudantes relacionem o conteúdo do filme à poesia de Carlos Rodrigues Brandão.

3. Após o filme, explique a questão da centralidade do trabalho na formação humana e nas relações sociais; a forma como o trabalho é organizado na sociedade capitalista e seus impactos para saúde do trabalhador; as formas de controle do corpo e mente dos trabalhadores.



DICAS

● Sugira a leitura de *O Corpo fala*, de Pierre Weil. O vídeo sobre o livro também pode ser estimulante.

<http://migre.me/9nwIJ>



4. Sugerir trabalhos de grupo em que os estudantes criem pequenas dramatizações sem uso da palavra, em que o ritmo e organização do trabalho sejam baseados na organização coletiva e democrática do trabalho. A foto abaixo pode ser mostrada para ilustrar como podemos representar com nossos corpos formas de viver e trabalhar.



Avaliação: Solicite dos estudantes uma redação com o tema: “O Corpo Fala” : como esse corpo deve ser tratado em iniciativas de trabalho associado?.



DICAS

- Para compreender a habituação do corpo-trabalhador ao taylorismo-fordismo, uma leitura indispensável é **Trabalho e capital monopolista. A degradação do trabalho no século XX**, de Henry Braverman. 3ª Edição. Jorge Zahar Editores. Rio de Janeiro, 1981: <http://relaces.com.ar/>
- Consulte a Revista **Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad**:

A Trama da Rede

(Carlos Rodrigues Brandão)

Essa é a trama da rede:
O tecido das trocas que fabricam
O pano de uma rede de dormir
Enreda o corpo do homem na tarefa
de criar na máquina a rede com a mão.

A armadilha do trabalho em casa alheia
engole o homem e enovela todo o corpo
no fio no fuso na roda na teia
do maquinário da manufatura
que produz o seu produto: a rede
e reduz o corpo-operário à produção.

II
No palco da oficina coletiva
onde se cria a rede de dormir
as mãos espertas da mulher aprendem
o bailado do labor na geometria
que costura tece corta e fia

A dança dos dedos ponteando o pano
torna cativo o corpo da operária
da máquina-rotina e da destreza
que seguem regras da trama do fazer
na varanda da rede a tessitura
do ofício servil de sua costura

III
O corpo-bailarino que transforma
a coisa bruta em objeto
(a fibra em fio e o fio em pano)
e o objeto na mercadoria
(o pano pronto na rede e sua valia)
transforma o corpo do homem operário
em outro puro objeto de trabalho
pronto a fazer e refazer no fuso
aquilo de que a fábrica faz sua riqueza
de que, quem faz, não se apropria.

IV
Tece o fio a fina flor da vida
do menino que trabalha na oficina
Do corpo do menino a quem domina
uma rede que dentro dele habita.

V
O tear comanda o corpo do operário:
os pés a perna as mãos os braços

os jogos ágeis de tronco e dorso
e a atenção absoluta do olhar.

São os movimentos do esforço do artesão
o que move o maquinário no tear,
mas uma vez movido a corpo e dança
ele impõe o ritmo ao corpo que o moveu.

VI
Assim faz triste o homem o seu trabalho
e é triste o seu canto – e o seu cantar,
porque não há motivo de cantos de
alegria
pra quem trabalha à força o seu tear.

VII
Sob a trama do trabalho em tear alheio
o corpo não possui seu próprio tempo
e é inútil que lhe bata um coração.

O relógio interior do operário
é o que existe na oficina, fora dele,
de onde controla o tear e o tecelão.

VIII
De longe o dono zela por quem faz:
pela força do homem que trabalha,
não pela vida do trabalhador.
Aqui não há lugar para o repouso
ainda que o produto do trabalho
seja uma rede de pano, de dormir
e que comprada serve ao sono e ao amor.

IX
Durante a flor da vida inteira
fazendo a mesma coisa e refazendo
uma operação simples de memória
o operário condena o próprio corpo
a ser tão automático e eficaz
que domine o gesto que o destrói

A reprodução contínua, diária, igual
de um mesmo ato repetido e limitado
todos os dias, sobre os mesmo passos,
ensina ao artesão regras de maestria
do trabalho que afinal então domina
através de saber a sua ciência
com a sabedoria de um corpo massacrado.
[...]

Componente curricular: Geografia.

Conteúdo: Território e lugar

Objetivo: Identificar os desafios da mulher trabalhadora. Reconhecer a força gerada pela atuação coletiva no lugar onde as mulheres habitam.

Mulher, trabalho e autogestão do território.

Muitos passos já foram dados para a diminuição da discriminação da mulher. No entanto, ainda existe um longo percurso a ser trilhado. A exploração da classe trabalhadora é mais dilaceradora para as mulheres. A discriminação em função dos salários, cargos e prestígio social são realidades facilmente encontradas. Sob condições precárias, a inserção das mulheres no mercado de trabalho capitalista potencializa a maximização de lucro e acumulação de riquezas. Sabemos que a luta somente no local de trabalho é insuficiente para enfrentar as desigualdades e discriminações sociais. É preciso que haja envolvimento com o lugar onde vivemos para o conhecermos e avançarmos na gestão coletiva do mesmo, enfrentando todos os temas que afetam uma comunidade, entre elas as discriminações de gênero. É preciso fazer a gestão do território para enfrentar os problemas que afetam a vida econômica, política, cultural e social da classe trabalhadora. Será que as condições de trabalho das estudantes de EJA confirmam isso? Como as mulheres trabalhadoras têm enfrentado esse problema? Os movimentos sociais voltados para questões de gênero têm um papel importante no processo de educar para luta, denunciar a exploração e propor alternativa. Como atuar estrategicamente no âmbito das instituições (Estado, escola, igreja, sindicato, família etc.) para construir a igualdade entre homens e mulheres?



DICAS

- Para saber mais sobre a situação socioeconômica dos trabalhadores e das trabalhadoras, consulte dados sempre atualizados no site do Dieese – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos socioeconômicos: <http://www.dieese.org.br/>



Recursos didáticos: Papel pardo, canetas coloridas e outros materiais que auxiliem na construção de um mapa.

Passo a passo

1- Em um papel pardo, faça com os estudantes um mapa das instituições comunitárias existentes na região, indicando suas frentes de atuação;

2 - Em grupos, peça que seus alunos discutam sobre problemas enfrentados pelas mulheres trabalhadoras, inclusive pelas alunas de EJA, indicando possibilidades de mudanças;

3 - Construa com os alunos e alunas um Plano de Ações com vistas a atuar estrategicamente nas instituições comunitárias, considerando os problemas das mulheres trabalhadoras. Não se esqueça de identificar as fortalezas e fraquezas do grupo que irá executar o Plano, bem como as oportunidades e ameaças externas que possam causar impacto na execução do mesmo;

4 - Levante as parcerias necessárias para execução do Plano.

Avaliação: A partir das discussões sobre as condições de trabalho das mulheres, os trabalhadores- estudantes deverão elaborar um Plano de Ação, envolvendo as instituições comunitárias para enfrentamento dos problemas vividos pelas mulheres trabalhadoras.

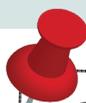


DICAS

- Sobre a questão específica de gênero, veja acesse a Rede Economia e Feminismo www.ref.org.br
- Veja a entrevista feita por Sandra Amâncio à Maíra Vieira, professora de Geografia, sobre a importância do reconhecimento da condição dos estudantes da EJA como trabalhadores.



<http://migre.me/9nx3x>



Componente curricular: Língua Portuguesa e Literatura

Conteúdo: Leitura, interpretação, escrita e oralidade.

Objetivo: Promover a interpretação e a produção oral e textual. Conceituar autogestão.

No princípio era o verbo ou a ação?

De acordo com os PCNs, o eixo central do ensino da língua deve se instalar no texto, como realização discursiva do gênero e, assim, explicar o uso efetivo da língua. (PDE 2011, p.19)

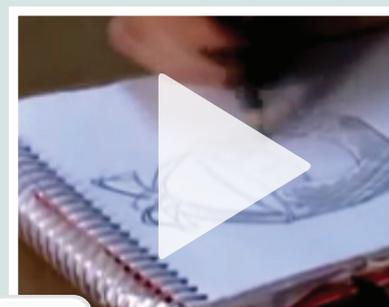
As razões para que os estudantes interrompam precocemente a vida escolar para retomar, ou não, os estudos posteriormente estão relacionadas a questões sociais. Contudo, a vida social é atravessada pela interação que os sujeitos estabelecem entre si por meio da linguagem. A língua é a linguagem verbal convencionalizada por um grupo social; quem a domina goza de prestígio, quem a desconhece, ou não a utiliza, sofre preconceito linguístico.

Partimos da premissa que o a aprendizagem da Língua Portuguesa é um direito e, portanto, o foco da atividade é direcionado à potencialização das capacidades interpretativas e críticas dos estudantes, através do desenvolvimento da oralidade, da leitura e da escrita. No entanto, tal objetivo se articula à emergência da multiplicação dos saberes e experiências da Economia Solidária, cuja perspectiva pedagógica é de transformação da sociedade a partir do combate à lógica capitalista, exploradora e excludente. Para isso, é importante trabalhar com textos que fomentem discussões e problematizem questões que vão além do mero uso da língua. Não podemos nos esquecer das relações entre 'leitura do mundo' e 'leitura da palavra'... Uma sempre alimentando a outra!



DICAS

- Sobre os sentidos do trabalho assalariado e os sentidos do trabalho associado e autogestionário, veja o vídeo **A prática da Autogestão**



<http://migre.me/9nx9e>

- Para saber mais, navegue no site **Autogestão na cabeça**
<http://autogestnacabeca.blogspot.com/>

Recursos didáticos: Texto “Palavra de ordem: autogestão”, de Monique Feder

Palavra de ordem: autogestão

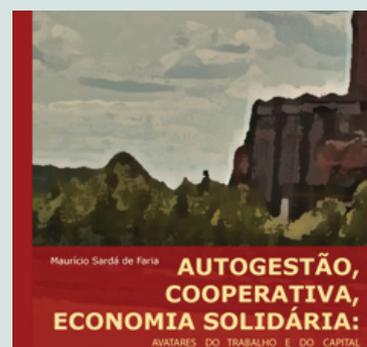
Ao amanhecer, em uma distante e pequena comunidade de São Gonçalo, os moradores se depararam com cartazes coloridos geometricamente variados espalhados pelos muros, postes e pontos de ônibus com apenas uma palavra: “autogestão”. Em cada caixa de correio, embaixo de cada porta, no para-brisa de cada veículo, pequenos papéis coloridos gritavam “AUTOGESTÃO!”. Bandeirinhas com a inscrição cruzavam os becos, dobravam esquinas e seguiam infinitas. Todo o povo começou a se perguntar de quem seria a obra e o que significava a tal expressão que invadiu todas as casas e ruas. Estavam todos curiosos e opiniões não faltavam. Alguns acreditavam ser propaganda de oficina, outros, molecagem de criança. Porém, com a investigação, outras respostas surgiram e, ao fim do dia, abriu-se um grande debate: “... autogestão é um grupo de trabalhadores que dividem as tarefas e não tem patrão... autogestão é unidade e parceria para o bem comum de um grupo... autogestão é um conjunto de pessoas unidas para fazerem a força... autogestão é uma união que, conforme cresce, as pessoas se desenvolvem com igualdade social... autogestão é um ambiente saudável de parceria onde ninguém manda em ninguém e você decide por si, mas em conjunto”. Entre uma explanação e outra, alguém levantou a possibilidade de se organizar um mutirão para remover os cartazes, mas os outros decidiram que não, a arte permaneceria e a discussão também.

Durante a prosa dos vizinhos, passou um carro de som propagando o convite: “Palestra sobre autogestão e Economia Solidária dia primeiro às 19 horas na associação de moradores.” Compreendendo a importância do assunto e a necessidade de explorar novas possibilidades de organização do trabalho, confirmaram presença. Aprender seria o primeiro ato.



DICAS

- Leia o livro **Autogestão, cooperativa, economia solidária: avatares do trabalho e do capital**, de Maurício Sardá de Faria. (Florianópolis: UFSC, 2011). O livro também está disponível no site da Editora em Debate <http://migre.me/9nxd0>



Passo a passo

1 - Leitura individual e silenciosa.

2 - Leitura oral e coletiva.

3 - Discussão sobre a intenção do texto: quem teria promovido os cartazes e qual sua finalidade? A novidade e a curiosidade como estímulos à aprendizagem! Quais os elementos no texto sugerem uma organização autogestionária dos moradores? Qual a importância da associação de moradores? A necessidade de adquirir conhecimentos para promover novos projetos, o incentivo ao desenvolvimento individual e coletivo por meio da solidariedade.

4 - Proposta de redação: Como poderíamos continuar essa narrativa? Construir uma narrativa que dê continuidade ao texto trabalhado.

Avaliação: Analisar o desempenho oral e escrito, justificando o método adotado e compartilhando o resultado com os estudantes. Atentar às compreensões de autogestão antes e depois da atividade.



DICAS

- Consulte o verbete **Produção associada e autogestão**, de Lia Tiriba e Maria Clara B. Fischer, disponível em PDF na Sala de Leitura de nossa Biblioteca Virtual.



Componente curricular: Matemática

Conteúdo: Medidas

Objetivos: Refletir sobre os “custos” objetivos e subjetivos das formas de propriedade dos meios de produção

A terra pertence a quem nela trabalha?

Emiliano Zapata, ao liderar o movimento camponês durante a Revolução Mexicana, iniciada em 1910, defendia a ideia de que a terra pertencia a quem nela trabalhava. Tanto para os camponeses como para os índios e demais povos que vivem no e do campo, a terra é um meio de produção precioso. Os índios utilizam coisas da natureza, transformando-as para satisfazer suas necessidades de abrigo, alimentação, vestimenta e também de diversão. Para eles, o trabalho é motivo de alegria, principalmente em dias de mutirão, pois “quando junta todo mundo é bom de trabalhar”! Este é um belo exemplo de uma forma contrária às relações capitalistas de se produzir a vida social. Os princípios de organização solidária favorecem relações que resultam no associativismo ou cooperativismo, tendo como principio fundamental o bem-estar da coletividade, e não mais do indivíduo. Mas, por que esta alegria toda? Será que seriam felizes se trabalhassem na terra de um fazendeiro ou do dono de um agro-negócio? Será que poderiam retirar da terra o que necessitam? Quem seriam os “senhores do trabalho”? Em que medida o fato da propriedade da terra ser individual ou coletiva define as relações sociais de produção (ou seja, define as relações que os seres humanos estabelecem entre si no processo de trabalho)?



DICAS

- Sobre Emiliano Zapata e a Revolução Mexicana, veja www.zapata.com.br.



- Sobre a luta do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, veja www.mst.org



A canção **Cio da terra**, de Milton Nascimento nos ajuda a perceber a dimensão ontológica do trabalho, ou seja, o trabalho como mediação do ser humano com a natureza. Sem essa mediação não é possível a existência humana. No entanto, sabemos que o sabor do pão não revela quem plantou o trigo e tampouco em que relações sociais de produção o trabalho se realizou. A forma de propriedade e posse dos meios de produção é, sem dúvida, um ingrediente fundamental na produção do pão (e da vida social) e, em última instância, define em que medida é possível “ se lambuzar de mel” . Tudo isso tem um custo!

Recursos didáticos:

O Cio da Terra,
de Milton Nascimento
e Chico Buarque



<http://migre.me/9nxrr>

O Cio da Terra

Milton Nascimento e Chico Buarque

Debulhar o trigo
Recolher cada bago do trigo
Forjar no trigo o milagre do pão
E se fartar de pão

Decepar a cana
Recolher a garapa da cana
Roubar da cana a doçura do mel,
Se lambuzar de mel

Afagar a terra
Conhecer os desejos da terra
Cio da terra, propícia estação
De fecundar o chão.



DICAS

- Sobre Cesta Básica veja o site do Dieese – Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Sócio-Econômicos <http://www.dieese.org.br/>

- Leia o artigo **Cios da terra: saberes da experiência e saberes do trabalho associado**, de Lia Tiriba e Bruna Sichi, disponível em PDF na Sala de Leitura de nossa Biblioteca Virtual

Passo a passo

1 - Depois de escutar a música de Milton Nascimento e Chico Buarque, proponha uma discussão sobre as relações entre seres humanos e natureza, mediada pelo trabalho.

2 - Problematize a questão da propriedade da terra para produção dos alimentos que compõem a cesta básica do trabalhador: carne, leite, feijão, arroz, farinha, batata, tomate, pão, café, açúcar, óleo ou banha, manteiga e banana. Se tivéssemos uma terriinha para plantar, como seria a vida?

3 - Proponha o seguinte problema matemático: Um grupo de pequenos produtores de trigo possui uma área coletiva de 9 hectares para sua plantação, fruto do trabalho associado. Sabendo que 1 hectare corresponde a 10.000 m², e que apenas 1/3 da área está sendo utilizada, quantos metros quadrados são utilizados pelos agricultores na produção do trigo?

4 - Peça que os estudantes-trabalhadores criem outros problemas matemáticos para resolver seus problemas de sobrevivência. Discuta sobre os sentimentos envolvidos no cálculo dos resultados da produção quando o trabalho é coletivo, associado e autogestionário e, por outro lado, quando o resultado do trabalho é fruto da exploração.

Avaliação

Fazer o levantamento de parentes e vizinhos que foram agricultores. Fazer uma entrevista com esses sujeitos perguntando sobre como era a vida no campo, por que vieram para a cidade, como era o trabalho na lavoura, etc. Buscar saber com o entrevistado como eram feitos os cálculos e as medidas no tempo em que as pessoas viviam no campo.



DICAS

- Sobre cooperativas de produtores rurais, assista, <http://migre.me/9nxsQ>

Componente curricular: Orientação Profissional

Conteúdo: Formação para/no trabalho e para/na vida em sociedade

Objetivo: Refletir sobre as demandas de formação do trabalhador para atuar em unidades de produção associada e autogestão

Formação para que trabalho?

Como seria viver e aprender num lugar com pessoas que produzem juntas e repartem entre si o que produzem? A experiência dos quilombolas nos informa algo sobre isso. O Quilombo dos Palmares, um dos mais conhecidos na história do Brasil, representou uma ameaça para os então senhores de engenho do atual estado de Pernambuco: reuniu negros, indígenas e até brancos (homens/trabalhadores livres e pobres, que também eram explorados) e enfrentaram a opressão. Libertando-se da escravidão, retomaram suas origens de viver e trabalhar de forma coletiva.

O Movimento da Economia Solidária busca conhecer essas experiências para analisar as formas históricas de se produzir a vida de forma coletiva e autogestionária. Há muitos aspectos que merecem conhecimento e compreensão para entender o potencial e os limites das atuais experiências da Economia Solidária. Como o trabalho é organizado num quilombo? Que conhecimentos são necessários? Que tipo de qualificação para o trabalho e para a vida coletiva é desenvolvido num quilombo? O que tais experiências históricas nos informam sobre divisão do trabalho e formação para o trabalho e para a vida em sociedade?



DICAS

- Convidar os produtores do filme **Sementes da Memória**, do Observatório Jovem da Universidade Federal Fluminense (UFF) para ampliar o conhecimento sobre a comunidade dos remanescentes de quilombolas. <http://www.uff.br/observatoriojovem/>
- Buscar em uma locadora o Filme **Quilombo**, de Cacá Diegues. Vale a pena assistir com a sua turma

Recursos didáticos:
Filme **Sementes da Memória**,
realizado pelo
Observatório Jovem (UFF)



<http://migre.me/9nxA2>

Passo a passo

1 - Assistira o filme **Sementes da Memória**, sobre da Comunidade de Remanescentes de Quilombos São José da Serra, RJ.

2 - Discutir com os trabalhadores-estudantes as seguintes questões:

Que tipo de formação para o trabalho e para a vida coletiva é desenvolvido na Comunidade dos Remanescentes de Quilombos São José da Serra? Como a formação acontece?

Que conhecimentos são necessários para uma sociedade de produtores livremente associados, ou seja, em que as pessoas se organizam coletivamente de forma autogestionária em todas as instâncias da sociedade? Qual a formação correspondente?

É possível vivenciar isso na nossa sociedade atual? Por quê? O que se pode fazer, desde hoje, para realizar uma formação de trabalhadores-estudantes que articule as dimensões técnica, política e cultural com vistas a um sociedade baseada na autogestão do trabalho e da vida social?

Avaliação: Em pequenos grupos, elaborar um pequeno texto sobre como se dá a formação para/no trabalho e vida social na Comunidade de Remanescentes de Quilombos São José da Serra.



DICAS

● É bastante esclarecedor o artigo **As trocas diretas e solidárias da Economia dos Quilombolas**, de Claudio Nascimento (artigo em PDF disponível na Sala de Leitura de nossa Biblioteca Virtual).



● Consultar o site www.videonasaldeias.org.br para conhecer mais sobre as relações entre cultura, educação e sociedade em tribos indígenas.

Componente curricular: História

Conteúdo: Produção associada, autogestão e as lutas históricas dos trabalhadores/as.

Objetivo: Refletir sobre desafios e possibilidades atuais da construção de unidades de produção associada e autogestionárias, tendo em conta outras experiências históricas da classe trabalhadora.

Capítulos da história do trabalho de produzir a vida associativamente

A história contemporânea registra tentativas de se estabelecer formas de produção associada orientadas pelo princípio da autogestão. As ocupações de fábricas pelos trabalhadores são exemplos significativos das mesmas. Estes, ao ocuparem as fábricas, promovem tentativas de romper o sentido heterogestionário da organização do trabalho, estabelecendo, dentre outras coisas, assembleias gerais de decisão coletiva e repartição justa das sobras. O objetivo principal é que os trabalhadores sejam os proprietários coletivos dos meios de produção e usufruam de maneira justa dos resultados do seu trabalho. Eis uma atitude que, em outras palavras, visa a desafiar e combater a organização de produção capitalista, rigidamente hierarquizada, criando uma grande distinção entre trabalho intelectual e manual – e altamente opressora – que impõe aos empregados intensas jornadas de trabalho. Na produção capitalista, os frutos da produção são destinados, em grande parte, aos detentores dos meios de produção, sócios e afins.

Viver a experiência da produção associada pautada pelo princípio da autogestão é algo possível. Mas cabe refletir sobre os desafios e dificuldades e, por outro lado, os benefícios e vantagens que os trabalhadores podem obter com sua implementação. Tais desafios e dificuldades podem ser melhor analisados se considerarmos outras experiências históricas.



DICAS

- Há exemplos de ocupações de fábricas no Brasil, no Chile, em Portugal e em diversos outros países. Além disso, podem ser trabalhadas formas de organização indígenas e quilombolas, presentes no Brasil colonial e contemporâneo.

Recursos didáticos: Programa Justiça em Movimento



Passo a passo:



<http://migre.me/9nxKp>

1 - Com os estudantes, veja o documentário sobre a luta dos trabalhadores para manter seus postos de trabalho. A reportagem integra a série **Justiça em Movimento** produzida pelo Tribunal Regional do Trabalho (TRT-SC).

2 - Promover um debate acerca de como seria criar uma organização de trabalho sem patrões.

3 - Solicitar aos estudantes que se organizem livremente em grupos e criem organizações associativas fictícias, orientados pela ideia de produção associada e pelo princípio de autogestão. Sugerir aos grupos que definam *o que, como, quem e para quem* a unidade de produção associada vai produzir.

4 - Promover a apresentação dos grupos e o debate na turma, intervindo com exemplos históricos que permitam aos alunos visualizarem de forma mais concreta o que seria uma unidade de produção associada. E que, além disso, percebam que as iniciativas atuais de trabalho associado inserem-se no contexto maior de luta dos trabalhadores ao longo da história.

5 - Para provocar a reflexão sobre a história dos movimentos de trabalhadores/as, assista ao vídeo sobre a ocupação da fábrica *Profiplast*, em Santa Catarina.

6 - Recursos Pedagógicos: Estimular o debate fazendo referência à história da própria *Profiplast* e à experiência histórica dos trabalhadores pela apropriação dos meios de produção, gestão democrática do processo de trabalho e distribuição justa dos resultados do trabalho.



DICAS

● Ler o texto de Henrique T. Novaes **De Tsunami a marola: uma breve história das Fábricas Recuperadas na América Latina:** <http://migre.me/9nFY8>

● Ler o texto **Poder Autogestionário e Comunal na América Latina**, de Claudio Nascimento, que se encontra na Sala de Leitura de nossa Biblioteca Virtual (em PDF).

Avaliação: Em grupos, escrever um pequeno texto que responda à pergunta: Por que é importante conhecer a história de luta dos trabalhadores da *Profplast* (apresentada no vídeo), e de outras tentativas de ocupação de fábricas e empresas, quando se discute Economia Solidária? Sugere-se que os textos sejam lidos em sala de aula e que o professor analise e problematize as respostas dos trabalhadores-estudantes.



DICAS

- Ler o verbete intitulado **Cooperativismo** na seção *O que é o que é*, deste capítulo. Há referências à história do cooperativismo e suas relações com o Movimento da Economia Solidária.





Componente curricular: Língua Estrangeira (Inglês)

Conteúdo: Interpretação de texto e ampliação de vocabulário

Objetivo: Identificar princípios da Economia Solidária. Ampliar vocabulário e desenvolver a capacidade de interpretação de textos.

Made in Niteroi

Observamos que, nas últimas décadas, o movimento da Economia Solidária se ampliou e se diversificou, representando uma das alternativas à crise do trabalho assalariado. O desemprego, que hoje milhares de trabalhadores/as enfrentam, não é um fenômeno apenas do nosso tempo. Lá nos primórdios da burguesia como classe hegemônica, o desemprego já se fazia presente. A utilização da ciência como força produtiva, permitiu (a ainda permite) ao capital aumentar a produtividade. Cada dia se produz mais, com menos mão-de-obra.

Você sabia que a idéia de trabalhar de forma associada, democrática e sem exploração é muito antiga? Pois é, o cooperativismo surge nos momentos iniciais da Revolução Industrial. A cooperativa é uma invenção dos trabalhadores em contraposição à fábrica capitalista. No entanto, vemos o capital se apropriar de um grande número de cooperativas segundo seus interesses. Segundo Antas (2004), “por um lado cresceu o número de trabalhadores que se inserem no âmbito do movimento cooperativista como alternativa de sobrevivência face ao desemprego estrutural. Por outro, o empresariado e os governos estimulam o auto-emprego e o cooperativismo como uma das estratégias de ajuste econômico face à mudança do regime de acumulação e do modo de regulação social e como amortecedor das tensões e conflitos sociais”.



DICAS

- Você também pode ampliar a atividade com assuntos específicos de inglês, além da interpretação de textos como conjugação verbal, gramática, etc..

Os princípios da Economia Solidária não combinam com nenhum tipo de estratégia do capital. Nesta atividade, além de desenvolver conteúdos específicos do componente curricular (inglês), você, professor, poderá dialogar com os trabalhadores-estudantes a respeito dos princípios e funcionamento da Economia Solidária e analisar uma experiência concreta de um empreendimento econômico solidário: o das **Mulheres Arteiras de Niterói**.

Recursos didáticos: Texto **Mulheres Arteiras de Niterói** e Vídeo **Economia Solidária**

Passo a passo:

1 - Conheça um pouco mais os estudantes. Peça-lhes para se apresentarem indicando, por exemplo, o que fazem para viver.

2 - Assista e dialogue sobre o vídeo



<http://migre.me/9nxY8>

3 - Tendo em conta os depoimentos do vídeo, o que quer dizer Economia Solidária? Quem conhece iniciativas de trabalho em nossa região, que funcionam como cooperativas ou associações de trabalho associado?

4 - Distribua o texto **Mulheres Arteiras**, acompanhado de um roteiro de perguntas. O texto e as perguntas deverão ser lidos em voz alta pelo professor.

5 - Depois de responder às perguntas em português, os estudantes se reúnem em grupo e comparam suas respostas. Elaboram uma resposta única do grupo para cada pergunta e as traduzem para o inglês.



DICAS

- Se alguns estudantes quiserem sua ajuda para organizar um empreendimento ECOSOL, você pode sugerir que procurem a IEES-UFF, por exemplo.

6 - No grande grupo, professor e estudantes discutem e esclarecem dúvidas de conteúdo e da tradução para o inglês.

Avaliação: Reescrita, individual, em casa, das respostas elaboradas coletivamente pelo grupo, incorporando correções, esclarecimentos, etc., que emergiram na etapa 5 da atividade (ver passo a passo, acima). As respostas são entregues por escrito para serem avaliadas.



Mulheres Arteiras de Niterói



DICAS

- Em conjunto com demais companheiros de trabalho, você, professor, pode reivindicar da secretaria de educação da sua cidade o desenvolvimento de um projeto em que a escola ensine a fazer diversos trabalhos, por exemplo, artesanato, pintura e cozinha.

- Mais informações sobre organizações da ECOSOL e os desafios de incubação, leia o **Livro Guia de Economia Solidária**. FRANÇA, Bárbara Heliodora et alii. Guia da Economia Solidária. Niterói: Editora UFF, 2008.

Read carefully the text below and answer the questions in English or in Portuguese:

Mulheres Arteiras de Niterói is a cooperative whose members had family ties and bonds of friendship built in school and in neighborhood's relationships met each other in a craftsmanship course in PET bottles in 2006. Twelve women founded the cooperative. It is located in Badu - Pendotiba - Niteroi, in the State of Rio de Janeiro and its principal products are bags and puffs made of PET bottles.

In the beginning it was supported by Secretaria Municipal Regional do Badu and NGO Guardiões do Mar for incubation and by Caixa Econômica Federal whose open competition the women have won. Today the community provides the cooperative with PET bottles.

The working tools and the results of women's work belong to them equally and the gains of each one are measured according to the time spent at work by each individual. The issues that emerge in the daily life of the cooperative are discussed and solved democratically by the members. It is in assemblies where everyone has the right to give opinion, deciding current and future cooperative's issues; but a few really participate. Workers' daily problems are immediately resolved by those in charge of the enterprise. All have the same rights to speak and vote - one worker, one vote. However, no one can represent the other in decision making processes.

According to the members, **Mulheres Arteiras** aren't in fair trade network and depends on sporadic consumers to sustain the cooperative. As they have not a consistent support from government and/or NGOs for creation of a fixed and fair consumer market, they are currently having financial problems.

The level of schooling varies between uncompleted primary school to completed secondary school. They are seamstresses and housewives. No one of them attended to EJA, but they say that studying is important "because it let you participate of the happenings of the world; so, you do not get lost in conversations". They suggest that schools can support the associated workers giving training courses to them.

Vocabulary build-up:

bonds of friendship = laços de amizade

consumer market = mercado consumidor

craftsmanship = artesanato (habilidade)

enterprise = empreendimento

fair trade = comércio justo

family ties = laços de família

housewife = dona-de-casa

neighborhood = vizinhança

network = rede

NGO = ONG (Organização Não Governamental)

open competition = concurso em que todos aqueles que estiverem de acordo com suas normas podem participar

schooling = nível de escolaridade

seamstress = costureira

to be in charge of something = ser responsável por algo

to get lost = perder-se

to solve something = resolver, solucionar algo

working tools = instrumentos de trabalho; meios de produção

Questions:

1. Who are the workers who make part of the cooperative *Mulheres Arteiras de Niterói*? How did they meet each other?
2. How does this cooperative work?
3. What are the problems that women are facing?
4. Can you identify economy solidary principles in this cooperative? Which ones?
5. In their opinion, why is important to study? How can school support the workers?

Componente curricular: Ciências

Conteúdo: Trabalho e meio ambiente

Objetivos da Atividade: Refletir sobre a relações dos empreendimentos de Economia Solidária e a comunidade, tendo em conta o meio ambiente.

O mar está pra peixe, ou não?

Em se tratando de Economia Solidária, um dos princípios dos empreendimentos ecossolidários é o “compromisso com a comunidade do entorno, trabalhando para seu desenvolvimento e privilegiando sua participação nas atividades da cooperativa, (...) com ações que preservem o meio ambiente” e garantam a continuidade do empreendimento sem nenhuma precarização (FRANÇA; et al, 2008, p. 88-89). Analisando a prática cotidiana dos empreendimentos, no entanto, vê-se como é tão complexo colocar isto em prática, devido a condições particulares.

No caso da Associação dos Pescadores Livres do Gradim e Adjacências (APELGA), em São Gonçalo, Rio de Janeiro, um dos problemas mais gritantes, senão o, é a Baía de Guanabara, donde eles tiram seu sustento. Dentre as principais razões para a degradação ambiental dela, destacam-se a deficiência do sistema de saneamento básico; a ineficiência na coleta e destino final do lixo; a poluição industrial (NAKASHIMA; PRANTERA, 2006). Sabemos que a poluição (resultado da ação de grandes indústrias que não se preocupam com as comunidades que vivem ao entorno da Baía de Guanabara, sem contar na falta de conscientização dos próprios moradores) prejudica severamente a pesca. Assim, o que os pescadores e suas comunidades, unidos, podem fazer para recuperar a Baía de Guanabara? Por que recuperá-la?



DICAS

- Para estar a par da situação da Baía de Guanabara, leia o artigo de NAKASHIMA, Leonardo; PRANTERA, Mônica. **Estudo da Poluição da Baía de Guanabara. Saúde & Ambiente em Revista**, Vol. 1, Nº 2, 2006. <http://migre.me/9ny9c>

Recursos didáticos:

a) Vídeo Pesca Artesanal (Niterói)

b) Texto: APELGA



<http://migre.me/9nvHW>

APELGA - ASSOCIAÇÃO DOS PESCADORES LIVRES DO GRADIM

A Apelga (Associação de Pescadores Livres do Gradim) está situada no Gradim em São Gonçalo. É uma organização de pescadores artesanais que trabalham coletivamente na comercialização do pescado. É uma associação legalizada, localizada às margens da Baía de Guanabara, que foi criada em 1996 por pescadores que se conheciam e pescavam juntos. Cinco foram os fundadores e hoje conta com aproximadamente 800 associados e uma direção composta por um presidente eleito, um tesoureiro e um secretário. As decisões são tomadas em assembleia e as reuniões são realizadas de acordo com a necessidade. Cada pescador tem direito a um voto, não podendo representar outro ausente.

Os associados pagam um pequeno valor de mensalidade, mas existe inadimplência. Há uma norma que diz que após seis meses de inadimplência, o associado é retirado da associação. Cada pescador utiliza seu próprio barco. Mas quem não possui um, se junta a outros que possuem. Os pescadores recebem de acordo com aquilo que pescam, contudo, por dia, é retirada uma quantidade de peixe daquilo que cada trabalhador pescou para garantir a manutenção da associação. São retirados dois ou três peixes de cada pescador por dia, para ajudar a pagar o uso da balança e do freezer. Esses peixes são vendidos para pagar contas de luz, entre outros gastos.

Embora a maioria dos pescadores não tenha concluído os estudos, alguns deles fazem supletivo. A Associação é bem conhecida no bairro. Às vezes, os pescadores ajudam uma creche da comunidade, doando-lhes peixes.

O grupo encontra algumas dificuldades em relação ao apoio de instâncias do governo local e esperam o cumprimento das concessões feitas à Associação, entre as quais: poder navegar na Baía de Guanabara, ter onde deixar o barco, utilizar a sede para confraternizações já que todos os associados são do entorno.

Passo a passo:

1 - Assistir ao vídeo e conversar com a turma sobre pesca artesanal e industrial – produção, comercialização e consumo – da região e/ou de outros lugares. Explorar, também, aspectos relativos ao meio ambiente implicados na pesca. Atentar ao conhecimento que os estudantes possuem desses assuntos.

2 - Leitura do texto pelos estudantes, em pequenos grupos. Orientar o grupo que, após a leitura, respondam às questões: como está organizado o trabalho? Como são tomadas as decisões? Como é a relação da APELGA com seu entorno?

3 - Discutir com a turma toda, a partir do relato dos trabalhos em grupo, sobre o trabalho associado e autogestionário e sua relação com o meio ambiente e a sociedade.

Avaliação: Montar um painel, para ser exposto na escola, sobre as atividades de pesca artesanal, industrial e suas relações com a comunidade e o meio ambiente.

**DICAS**

- O Instituto Estadual do Ambiente (INEA) tem uma página que fala exclusivamente sobre a Baía de Guanabara: <http://migre.me/9nvGp>
- Leia a reportagem **Pesca Artesanal em Niterói está ameaçada de extinção**, que se encontra na seção *O mundo dentro e fora da escola*, do Caderno 3



Palavras de trabalhadores-estudantes...

Para nós, autogestão é...

“Um trabalho em grupo. Esse grupo é formado por pessoas trabalhadoras que buscam o mesmo objetivo. Elas mesmas são os patrões. Esse grupo trabalha para todos. O lucro do trabalho é dividido igualmente e por isso eles se respeitam.”

Ana Teresa

“Um grupo que se reúne para formar qualquer tipo de decisão e ter possibilidade de discutir sendo que as decisões são decididas através do voto e a maioria vence. Sendo, assim, bom para todos e sempre com a concordância de todos. Um sustento garantido por nós trabalhadores. Unidos para garantir o sustento através de plantação de café; outros se reúnem para vender salgados, latinhas, etc.... Unidos para arrecadar dinheiro para realizar a formatura, pois muitos que não tem condição para bancar. Vendem coisas para ajudar os amigos. Resumindo, é tudo aquilo que se resolve em grupo, ou seja, decisões que sejam cabíveis a todos.”

Antonio e Catarina

Afinal, o que é autogestão?

“Uma forma de trabalho em grupo onde não se tem patrão e todos têm direitos iguais no trabalho.”

Helenice

“Autocoordenar-se criando novas ideias para aprimorar as ideias existentes. Organizar o seu próprio horário e dia de trabalhar desenvolvendo bem cada trabalho, diferenciando um trabalho do outro para não ficar monótono ou costumeiro.”

Diego, Francisco e José Ricardo

“Uma maneira de trabalhar diferente porque vamos estar com pessoas em quem confiamos e respeitamos, mantendo uma ideia do que é união e socialismo, com respeito e a alegria. É uma igualdade entre o grupo de amigos que se juntam para criar, inovar e descobrir novos horizontes; sem olhos grandes, sem desconfiança e desigualdade social. Mantem-se a qualidade de amigos e alegria de estar juntos, fazendo o que se gosta, tornando-se melhores e ultrapassando os próprios limites e vencendo as barreiras com união, amizade, harmonia e consideração uns com os outros”

Marinalva e Sandra

“Igualdade para todos que trabalham em conjunto, distribuindo o lucro do faturamento para todos igualmente e para que todos tenham uma vida com qualidade.”

Sérgio Ricardo e Severino

Será isso a autogestão???

“Quando algumas pessoas se reúnem para fazer determinados trabalhos para produzir algum produto para ganhar algum dinheiro. Todos participam e buscam trabalhar para vencer os obstáculos que aparecerem, sempre pensando em soluções em grupo. Não há uma chefia, todos que trabalham podem participar das decisões e resolver os problemas. Entender e compreender as diferenças entre os membros do grupo é muito importante. O lucro desse trabalho não é de um só, é do grupo, e todos devem participar dessa divisão.”

“Poder trabalhar em grupo para fazer com que os participantes melhorem as condições de vida, mas trabalhando de forma unida para o bem de todos. São pessoas que usam seu trabalho com os mesmos objetivos: crescer pessoal, econômica e financeiramente. O lucro desse trabalho é dividido igualmente para todos e para isso as pessoas devem ter respeito umas pelas outras.”

Lenildo e Glória

Afinal, o que é autogestão?

“Concordância entre os funcionários. Trabalhadores unidos. Respeito entre todos. Salário igual. Deve ter sempre reunião para que a gente venha a estar a par de tudo o que está acontecendo na empresa para que não tenha confusão. Deve sempre estar em concordância sobre a empresa, o trabalho e o dinheiro pra que continue funcionando.”

Nilda, Kátia Regina e Maxwell

“O aproveitamento de uma grande experiência e capacidade que, ao longo do tempo, foi adquirida por um grupo de pessoas que não estão satisfeitas com seus rendimentos salariais e se uniram para trabalhar por uma renda melhor e com divisões iguais. Olhar para o futuro com seus familiares podendo dar a eles uma vida digna. Claro, sabemos das lutas e dificuldades que vamos ter pela frente, mas com fé, força e esperança venceremos com certeza.”

Araceli

Autogestão, o que é ???

“Administração própria do nosso trabalho e do nosso esforço. Autogestão para o nosso crescimento: através da esperança e capacidade conseguimos conquistar os objetivos, administrar e conquistar sonhos.”

Regina Helena

“Um grupo reunido com uma mesma visão, com propósitos iguais, que um ajuda o outro e ninguém leva vantagem em relação ao desempenho no trabalho e o lucro é dividido igualmente.”

Maurício e Marcelo

E o que mais ???

“É organizar a própria vida.”

Cristóvão

“Trabalhar muito, lutar por dias melhores com a união de todos.”

Adriana

“Poder cuidar de todos, repartir, ninguém mandar em ninguém e não ter vergonha do trabalho.”

Silvio

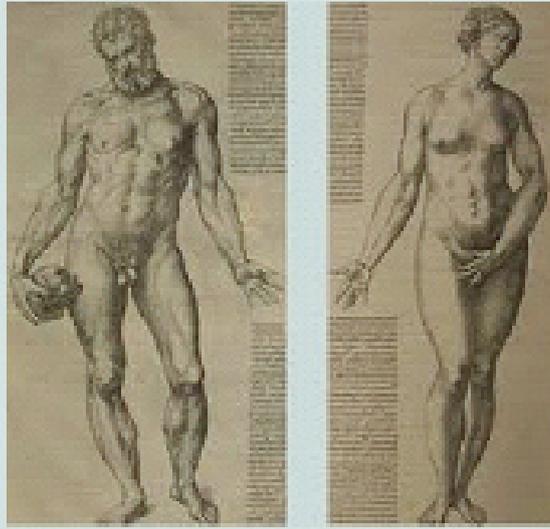


Produção associada de saberes

Trabalhadores em gênero, classe e raça.

O Movimento da Economia Solidária vem se constituindo por uma diversidade de experiências e de sujeitos. É fundamental conhecermos tal diversidade que constrói a unidade deste Movimento. As perguntas abaixo podem contribuir com o professor na construção de reflexões com os trabalhadores-estudantes e também com colegas professores sobre as relações entre classe, gênero e raça na composição da classe trabalhadora. De forma mais específica, pode auxiliá-lo no conhecimento do perfil de trabalhadores-estudantes das turmas de EJA e das iniciativas de produção associada e autogestionária.





1. Que semelhanças e diferenças existem entre o “gênero masculino” e o “gênero o feminino”?
2. Que semelhanças e diferenças existem no interior de um mesmo gênero, seja ele masculino ou feminino?
3. Tendo em conta que existem diferentes formas de estar e sentir o mundo, como os trabalhadores/as da economia solidária se situam nesse mundo?
4. Qual a diferença entre ser trabalhador assalariado e ser trabalhador da economia solidária?
5. Quais os significados de viver e estar no mundo da economia solidária?
6. Quais as características do trabalho na economia solidária?
7. A que classe social pertencem os trabalhadores/as da economia solidária?
8. Como esta parcela da classe trabalhadora se diferencia das demais parcelas de sua classe?
9. O que a classe trabalhadora tem em comum?
10. Enquanto classe trabalhadora, o que os trabalhadores/as da economia solidária têm em comum?
11. Enquanto classe trabalhadora, em que aspectos os trabalhadores/as da economia solidária se diferenciam?
12. Pelo quê e por quem lutam os trabalhadores/as?

A vendedora dedicada

O dono da loja ligava todo dia no fim do expediente para saber o valor total das vendas. Era uma ligação de segundos. Ele dizia boa noite e perguntava: quanto foi hoje? E eu respondia. Ele agradecia e desligava. Tão educado e atarefado o patrão. Não tinha tempo pra resolver os problemas da loja por questões pessoais, explicou uma vez por e-mail. Pediu compreensão. Preocupadas com o emprego, fazíamos tudo que estava ao nosso alcance. As soluções do dia a dia ficavam ao nosso encargo. Não recebíamos mais por isso, mas nos sentíamos responsáveis. Aquilo lá não funcionava sem empenho, de jeito nenhum.

Éramos quatro vendedoras, mais a equipe de apoio. Lembro que as mudanças começaram quando ficamos sem vitrinista, por motivo de licença maternidade. Apesar de sabermos fazer a vitrine tão bem ou melhor que ela, precisávamos de alguém experiente. Sabíamos que era possível dar conta da tarefa, mas... Depois, o estoquista precisou ser dispensado por cortes no orçamento. Passamos a organizar a loja por conta própria e à nossa maneira. Sem o estoquista para fazer os depósitos no banco, os fazíamos nós mesmas. Pouco tempo depois, a auxiliar, que aparecia uma vez por semana para limpar, desapareceu. Acho que a firma terceirizada faliu. Todas reclamamos do absurdo, não ganhávamos para aquilo. Mas se fez necessário; e acabamos assumindo tal função.

As vendas caíram e a pessoa responsável pelo caixa foi transferida para outra filial. Aprendemos a manejar o caixa com facilidade. A essa altura, o salário já era menor que o mínimo, por causa do custo do uniforme. A situação apertou porque nossa jornada de trabalho de seis horas não garantia vale alimentação. Comíamos menos com a grana tão curta; emagrecemos. Ótimo para a profissão, já que só contratavam e mantinham equipe de manequim 38 e 36. O contrato dizia seis horas, mas era obrigação chegar meia hora antes para se maquiar e alisar o cabelo na chapa. Momento de beleza incentivado pela empresa que se preocupava com a aparência das funcionárias e até proibia qualquer cor de esmalte que não fosse branca.

Não se podia sair no meio de um atendimento. Então, por mais que o cliente só experimentasse, era comum atrasar uma, duas horas em relação ao carimbado na Carteira de Trabalho. Antes de assinar o contrato, nos avisavam, também, que ganharíamos mais do que o indicado na carteira, então

ninguém protestava. Funcionários descontentes eram eliminados. Foi lá que ganhei meus joanetes, pois o sapato alto era muito apertado, couro legítimo, modelo para usar sem meias... Muito tempo em pé; não podia sentar! Dizem que cliente que vê vendedor sentado não entra por receio de incomodar. Então, quem quisesse sentar, ia para o estoque. Mas, se saísse do salão, perdia a vez e voltava para o fim da fila; vendia menos, a comissão diminuía e o pagamento minguava e sempre atrasava; no máximo, cinco dias. Quem precisava do dinheiro não fazia corpo mole. Quem precisava mesmo, dobrava, de dez da manhã às dez da noite.

Tanto tempo trabalhando, que as colegas se transformaram em amigas íntimas. Afinal, as únicas, porque não se conseguia cultivar amizades fora dali; o que sobrava era para a família ou para o bar. Até que chegou o dia do inventário. Uma empresa veio de fora pra contar as peças da loja, com a nossa ajuda: madrugada inteira bipando etiqueta. No fim das contas, mais de cem peças faltando, de acordo com os dados do escritório, que não tínhamos conhecimento. O protocolo? As vendedoras pagariam parte do prejuízo. Segundo eles, se está faltando foi por roubo ou trabalho mal feito. Mas sempre abríamos as bolsas e o lixo umas para as outras na hora de sair, provando que não tinha nada escondido.

O patrão ligou e nos despreocupou. Afirmou que não sofreríamos nenhum abatimento salarial por conta do inventário. Um mês depois, nos chamou ao escritório para conversar, uma de cada vez. Pediu empenho e dedicação. Avisou sobre as novas mudanças. Informou que enviaria, em breve, uma pessoa que deveria aprender todo o funcionamento. Ensinamos. Passou pouco tempo até a discípula me chamar num canto para dizer que a empresa agradecia os meus serviços e que eu estava demitida.

Autora: Monique Feder

O que mais precisamos saber para compreender os significados do trabalho no modo de produção capitalista?

Que atividades pedagógicas poderiam ser criadas a partir desse texto?

Matemática....

Artes.....

Literatura....

Língua Portuguesa....

História...

Orientação Profissional...

Trabalhando com jovens e adultos no plano dos conceitos e das representações

As representações dos estudantes-trabalhadores sobre autogestão (apresentadas na seção **Palavras de Trabalhadores-Estudantes**, deste Capítulo) foram redigidas em salas de aula da rede pública dos municípios de Niterói e São Gonçalo (Estado do Rio de Janeiro). No Curso EjaEcosol foi proposto aos professores/as que desenvolvessem, junto aos estudantes, uma atividade pedagógica com a seguinte dinâmica:

1 - Solicitar aos estudantes de EJA que, individualmente, redijam uma ou duas frases que complementem a seguinte idéia: Para mim, autogestão é ____

2 - Em seguida, os estudantes se reúnem em grupo para discutir o que escreveram.

3 - Cada um dos grupos complementa a frase: Para nós, autogestão é _____

4 - Os grupos lêem em voz alta os resultados do trabalho.

5 - O professor dialoga com os estudantes problematizando os sentidos e significados dados ao termo autogestão.

Dica ao professor e à professora:

Perceber as representações dos estudantes em relação à autogestão, economia solidária, cooperação, associação, etc., é fundamental nos processos de construção de conhecimentos “com” as pessoas (em vez de transmitir conhecimentos “para” elas). As representações que construímos sobre o mundo resultam de experiência subjetivas/subjetivas vividas nesse mesmo mundo.

O diálogo crítico acontece quando essas experiências podem ser expressas e problematizadas pela palavra. Nas afirmações dos trabalhadores-estudantes, o uso de termos como “lucro” expressam sua experiência de produzir a vida no capitalismo e, contraditoriamente, são utilizadas para falar de autogestão e trabalho associado. Cabe ao professor problematizar o que é “lucrar” e como o lucro é produzido no capitalismo. Seria “lucro” o termo adequado para falar sobre processo e resultado do trabalho associado? Claro que não! Mas, por quê? Não se trata de simplesmente “corrigir”, ou seja, de substituir uma representação por um conceito de dicionário, mas de entender o significado das relações econômico-sociais que as palavras carregam. E, além disso, problematizá-los com olhos que vislumbram projetos alternativos de vida e trabalho, ou de trabalho e vida.

Ver o resultado desse trabalho na sessão
PALAVRAS DE TRABALHADORES ESTUDANTES



Paris, 1968

**AUTO
 GESTÃO**



O mundo dentro e fora da escola

O Mundo Dentro e Fora da Escola

Articulación continental de los Movimientos Sociales hacia el ALBA



Nuestra América se une en la lucha por la dignidad de los pueblos

El 16 de octubre los pueblos de todo el mundo alzan su voz, festejan y luchan por la Soberanía Alimentaria. Esta lucha es por asegurar alimentos sanos a la sociedad en cantidades suficientes y necesarias. Tam-

bién implica el respeto a la autonomía de las comunidades, al reconocimiento de las particularidades territoriales, el derecho del pueblo a trabajar para producir su propio consumo sin verse obligado a trabajar para otros. Los campesinos y campesinas que defienden sus tierras, los pueblos indígenas que levantan sus culturas, los trabajadores y trabajadoras de las ciudades que pelean por su dignidad, las mujeres que pelean por la defensa de las semillas, todos y todas que pelean por un mundo distinto, pueden encontrar en esta reivindicación un punto de encuentro común.

Contra las subas de los precios en los alimentos. Para denunciar a las corporaciones que manchan al mundo de agroquímicos y modifican a su parecer los genes de la vida. Para detener el modelo del agronegocio imperante hoy en todos los Estados de la región, donde se cultivan “commodities” exóticas a nuestro paladar y a nuestras formas de trabajo. Para frenar al capitalismo en su salvaje avance se debe pelear por Soberanía Alimentaria, construyendo desde el hoy una alternativa posible.

Y en Nuestramérica, tierra de hombres y mujeres que luchan contra la dominación, las Organizaciones y Movimientos nucleados en el espacio ALBA de los Movimientos Sociales, hemos salido a las calles a mostrar nuestro apoyo en esta causa.

Globalicemos la Lucha, Globalicemos la Esperanza!!!!!!!!!!!!

Cobertura de los distintos países que integran el ALBA de los Movimientos

La lucha en Argentina en el Día de Acción Global por la Soberanía Alimentaria

El viernes 14 de octubre marchamos, las organizaciones nucleadas en el ALBA, unas 1100 personas, desde la Plaza los dos Congresos hasta el obelisco, donde culminamos con un acto. Empezamos los preparativos de la marcha alrededor de las 15hs. El sol salió después de varios días de lluvia, y las calles se llenaron de colores, [...]Ver más... •

Gran Movilización Nacional en Venezuela, 13 de Octubre

Convocamos Por la constitución del Gran Polo Patriótico Popular! Por la radi-

calización democrática de la revolución ya..!En la Plaza Venezuela, a partir de las 09:00 AM. Hasta la Vicepresidencia.¡.. CON BOLIVAR Y EL CHE, EL PUEBLO DE PIE..! La Corriente Revolucionaria Bolívar y Zamora conformada por el (Frente Nacional Campesino Ezequiel Zamora- FNCEZ, el Frente [...]

Voces latinoamericanas en el Encuentro Nacional de Mujeres

En la plaza del centro cívico de la ciudad de San Carlos de Bariloche, en Argentina, se desarrolló el panel latinoamericano, encabezado por Feministas Latinoamericanas en Resistencia de Honduras, Venezuela, Colombia y Perú. El panel latinoamericano, que ya se convirtió en un clásico organizado por Feministas Inconvenientes, Red Nosotras en el Mundo y la Marcha [...]

Ecuador: 519 años de resistencia

519 años después de aquél 12 de Octubre en el que los conquistadores españoles pisaban nuestro suelo, la lucha por el reconocimiento de nuestras culturas, por el respeto de nuestros derechos y territorios, por la defensa a la madre naturaleza sigue más viva que nunca. Nuestros pueblos aún se enfrentan ... Descargar programa completo de [...]

Venezuela:El Gran Polo Patriótico debe ser un verdadero Sacudón Revolucionario

El Gran Polo Patriótico debe ser un verdadero Sacudón Revolucionario | Alba Tv

El colonialismo chileno y la lucha de los pueblos por su soberanía

Por Patricio Hernández, Espacio de Construcción del Capítulo Chileno de los Movimientos Sociales hacia el Alba.- Más de 12 mil personas se movilizaron en Santiago de Chile en la marcha convocada por organizaciones mapuche de la capital en el contexto del 12 de octubre, marchas que se repitieron en regiones, sobretodo del sur del país. [...]

NAVEGUE EM ...

<http://migre.me/9nyl6>

Paul Singer: economia solidária “explodiu” nos últimos seis anos (Revista do Brasil).

Entrevista com Paul Singer

Postado em 15 de Outubro de 2009 por Lucio Uberdan



Para o economista, no comando da Secretaria Nacional de Economia Solidária desde a sua criação, em 2003, autogestão é modelo sustentável de produção.

Por Paulo Donizetti de Souza – Publicado em 14/10/2009 na Revista do Brasil.

Secretário de Economia Solidária, Paul Singer, diz que, em momentos de dificuldade, as pessoas buscam alternativas ao modo de produção excludente

O economista e professor da USP, Paul Singer, é modesto. Ele diz que não pode afirmar, com certeza, se a criação da Secretaria Nacional de Economia Solidária (Senaes), dentro do Ministério do Trabalho e Empre-

go, logo no início do governo Lula, em 2003, ajudou a impulsionar essa modalidade de organização econômica e social. “Acredito que sim”, diz.

Baseada na autogestão e no compartilhamento coletivo de decisões e de resultados de um empreendimento, a economia solidária, muito conhecida pelos modelos de cooperativismo que já existiam no país há algumas décadas, é uma opção que tem se revelado tão democrática quanto eficaz como solução de geração de trabalho e renda sem patrão.

Isso vale para os pequenos empreendimentos que unem grupos de comunidades tradicionais, como pescadores, quilombolas, indígenas, quebradeiras de coco, até grandes empreendimentos agrícolas e industriais, nos quais os trabalhadores assumiram o comando de negócios que os proprietários não deram conta.

Cita como exemplos dessa experiência a Uniforja, do ramo metalúrgico, em Diadema (SP), e a Usina Catende (PE, a 150 quilômetros de Recife), do setor sucroalcooleiro. A usina foi instalada em 1890 e, um século depois, após falir, foi assumida pelos trabalhadores. Hoje, quatro mil famílias respondem pela maior experiência de autogestão da América Latina. O espaço, de 26 mil hectares, passou recentemente por processo de reforma agrária e as gerações mais jovens dessas famílias se organizam para dar continuidade a esse sonho, tendo a economia solidária e sustentável como horizonte.

A Senaes já mapeou, até 2007, a existência de 22 mil empreendimentos econômicos coletivos e solidários, que geram trabalho e renda para 1,7 milhão de pessoas. Isso porque o mapeamento só atingiu 52% dos municípios do país.

Nesta entrevista, Paul Singer faz um balanço do papel da Senaes, da transformação desse “modesto” e revolucionário movimento em política pública de Estado e da importância de sua continuidade como forma de “candidatar” esse modelo econômico e social a um modelo do futuro.



Revista do Brasil – Como evoluiu a economia solidária de 2003 para cá, quando ela se tornou uma política pública nacional?

“Nos países andinos, que agora têm governo de esquerda, e onde os indígenas são dominantes, como no Equador e na Bolívia, eles se reconhecem na economia solidária”

Paul Singer – Vou ser muito franco: evoluiu muito nesses seis anos. Eu diria, explodiu pelo país, englobando setores sociais, e passando a incorporar grupos que já estavam na economia solidária, principalmente indígenas e quilombolas, e hoje, com muitas chamadas comunidades tradicionais, como pescadores, caiçaras e ribeirinhos, as quebradeiras de coco. Sabe quantas quebradeiras de coco temos no Brasil? Quatrocentas mil! São mulheres que vivem da extração do coco-babaçu, em seis estados do Norte e do Nordeste e, agora organizadas em cooperativas, travam em uma luta ecológica memorável ao se opor à destruição dos babaçuais. Quando o preço da soja sobe

interessa aos fazendeiros cortar os babaçus para plantar mais soja, que é uma monocultura, e se os babaçuais forem cortados elas não terão mais o que fazer. Elas são especializadas. É um exemplo de população tradicional que veio para a economia solidária, todos eles vieram.

Revista do Brasil: E os grandes empreendimentos econômicos solidários no setor agrícola e no setor industrial, como estão?

Nas indústrias, são empreendimentos, sobretudo, recuperados (de massas falidas). São empresas capitalistas que quebram e os trabalhadores exerceram o direito de solicitar que a empresa permaneça operando sob forma de arrendatários da massa falida. Como aconteceu com a Uniforja (metalúrgica em Diadema) ou a Catende (setor sucroalcooleiro, Pernambuco). Recentemente falou-se muito da Varig. Tive uma reunião com as presidentes dos sindicatos dos aeronautas e dos aeroviários discutindo se a Varig podia se transformar numa (empresa de) autogestão. Mas não deu certo. A editora Bloch, da revista e TV Manchete, também não deu certo. Nem sempre dá.

Revista do Brasil: Os bancos ajudam no processo de recuperação?

“No último levantamento, em 2007, recenseamos ou cadastramos quase 22 mil empreendimentos, nos quais trabalham 1,7 milhão pessoas. Então a economia solidária não é mais uma coisa microscópica, já é uma realidade em todos os estados brasileiros” – Paul Singer

Não há nenhuma notícia, acho que não. O BNDES ajudou, mas anos depois, no início, não. Mas eles (trabalhadores) conseguem recuperar a empresa. Quando a empresa funciona, voltam a ganhar mais ou menos o que recebiam antes, mas já não é mais salário, agora é uma participação na receita. Para que 13º salário, fundo de garantia, essas coisas todas passem a fazer parte da vida desses trabalhadores novamente, depende de aprovarmos uma lei agora.

Revista do Brasil: A Catende está por aí e é a maior. Como participam hoje os jovens que eram criancinhas quando seus pais assumiram a usina falida?

A Catende está com 15 anos e é a maior autogestão da América Latina. São 4.300 famílias, 13 mil e tantas pessoas, é uma grande comunidade. Estive várias vezes em Catende nos últimos meses e levantei essa questão: a nova geração, depois de 15 anos. Fiz uma reunião com 20 jovens e foi muito interessante. Tem uma associação de jovens com “apenas” quatro mil sócios que promove várias atividades. Perguntei a cada um deles o que vai fazer, o que está estudando, qual é a sua perspectiva, e mais da metade fala em ambientalismo, em ecologia, o que é bem interessante, sobretudo para quem pretende viver em uma agroindústria, numa propriedade de 25 mil hectares. Já incorporaram a sustentabili-

dade, já foi feita a reforma agrária lá, hoje as terras são deles. O que está em disputa é a fábrica. Mas, enfim, estou dando alguns exemplos, eu podia ficar o final de semana falando para você, porque está acontecendo muita coisa na economia solidária e eu acho mais importante explicar com detalhes.

Revista do Brasil: De todo modo, ainda não se sabe plenamente onde estão, o que fazem, como vivem e do que precisam esses grupos que se organizam para tocar um negócio coletivo?

Na Senaes, estamos fazendo um mapeamento da economia solidária, e isso não havia. Nós estamos investindo muito mais e indo pela terceira vez a campo, agora de outubro até fevereiro. No último levantamento, em 2007, recenseamos ou cadastramos quase 22 mil empreendimentos, nos quais trabalham 1,7 milhão pessoas. Então, a economia solidária não é mais uma coisa microscópica, já é uma realidade em todos os estados brasileiros. Esse levantamento foi feito só em 52% dos municípios. Nessa nova ida a campo, nós pretendemos atingir o conjunto do território nacional. Isto vai nos dar provavelmente uma cifra ainda maior. O mapeamento é muito importante politicamente, para dispor de informações para o público e para o Estado, para que todos saibam do que se trata, e com isso almejar mais recursos para apoiar e desenvolver a economia solidária no país. Mas também tem a importância prática, de gerar um banco de dados, em que cada um desses milhares de empreendimentos tenha sua localização geográfica; e dispor dessa informação online, e também sobre o que eles produzem, o que eles consomem, permite que empreendimentos que vendem coisas que não estão prontas ainda, que é matéria-prima, possam encontrar cooperativas que precisam dessa matéria-prima, tudo pela internet.

Revista do Brasil: – Seria um passo para resolver um gargalo antigo que é o escoamento?

Escoamento e o acesso ao capital. O lema da economia solidária é de que a união faz a força, elementar assim. Ajuda mútua é vital, não tem forma de sobrevivência sem solidariedade entre as pessoas pobres. A partir daí é que se constrói a economia solidária e é nossa política fomentar o máximo possível a união entre os empreendimentos que são frágeis.

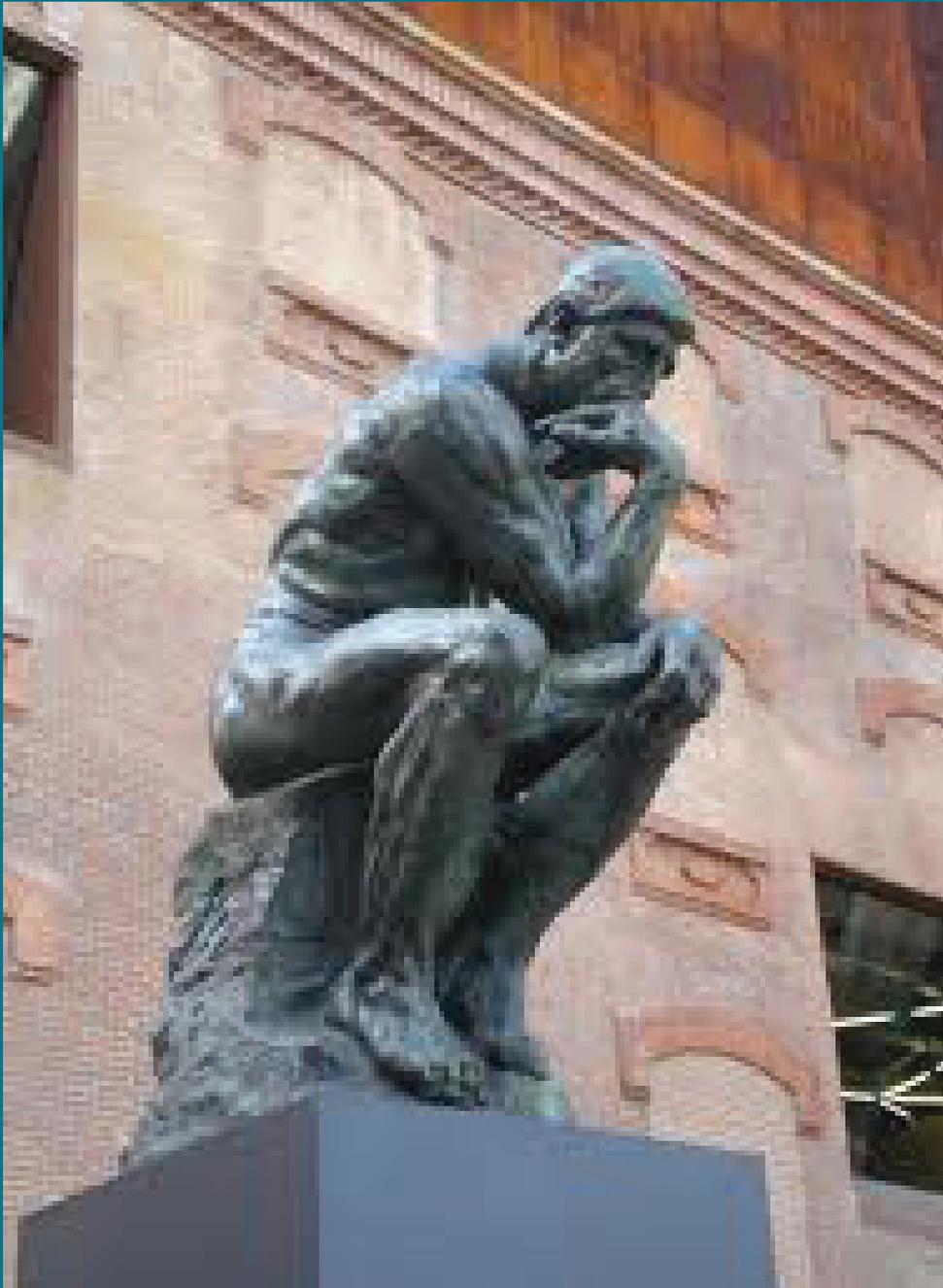
Revista do Brasil: E são atividades formais?

Não, infelizmente, porque a formalização desses empreendimentos seria em cooperativas. A cooperativa responde exatamente aos princípios da economia solidária, foi feita para isso. O diabo é que é difícilíssimo você formalizar uma cooperativa no Brasil. Então, 90% dos empreendimentos que vemos ou são informais ou são associações que, em tese não podem ter atividade econômica, mas

pelo menos ficam formalizadas. E 10% são cooperativas, mas há uma enorme quantidade de grupos informais que gostariam de ser formalizados se não fosse tão complicado para gerar uma cooperativa. (pela lei do cooperativismo) Precisa ter pelo menos 20 pessoas como sócios, tem que fazer o registro na junta comercial, que são contra a economia solidária, avessas, dificultam o máximo que podem, além de estarem sediadas apenas na capital de cada estado – na Amazônia, por exemplo, significa dias e dias de barco. São processos enormes, com um monte de documentação que as pessoas suam para conseguir reunir. Quando conseguem, apresentam a um funcionário que olha e diz: “Aqui falta um carimbo”. É uma via crucis, leva seis meses ou mais para se formalizar, e isso custa dinheiro também. São necessários ajustes na legislação para que possamos simplificar os procedimentos, a exemplo do que está acontecendo com esse programa que estimula a formalização de empreendedores individuais.



Leia a entrevista completa em <http://migre.me/9nypL>



O que é o que é...

O que é o que é...

COOPERATIVISMO

Diz respeito às práticas econômicas de grupos de pessoas que reúnem suas capacidades e esforços para se ajudarem mutuamente em torno de interesses comuns. Objetiva resolver demandas sociais por meio da criação de sociedades cooperativas constituídas por sujeitos que se associam com igualdade de direitos, para desenvolver conjuntamente atividades econômicas e repartir igualmente os resultados. Os princípios do movimento cooperativista, reafirmados no Congresso Mundial da Aliança Cooperativa Internacional, em 1995, em Manchester (Inglaterra), são: 1. Adesão voluntária e livre dos sócios; 2. Gestão democrática (cada membro tem direito a apenas um voto); 3. Participação econômica dos sócios (contribuição equitativa e controle democrático dos excedentes); 4. Autonomia e independência em relação a outras organizações públicas e privadas; 5. Promoção de educação cooperativa a todos os sócios; 6. Cooperação entre cooperativas (organização de estruturas locais, regionais, nacionais e internacionais); 7. Compromisso com a comunidade, visando o desenvolvimento sustentável. De acordo com a classificação da Organização das Cooperativas Brasileiras - OCB, as cooperativas atuam em 13 ramos: agropecuário, consumo, crédito, educacional, especial, habitacional, infra-estrutura, mineral, produção, saúde, trabalho, turismo/lazer e transporte.

O Cooperativismo surgiu no início da Revolução Industrial como um dos processos de resistência dos trabalhadores ao modo de produção capitalista. Como os sindicatos, as primeiras cooperativas foram criadas por trabalhadores qualificados que gozavam de condição favorável no mercado de trabalho muitos vinculados às corporações de ofício, conhecidas como trades unions. É provável que o nascimento das cooperativas seja fruto das sociedades mutualistas que,

O Cooperativismo surgiu no início da Revolução Industrial como um dos processos de resistência dos trabalhadores ao modo de produção capitalista.

Como os sindicatos, as primeiras cooperativas foram criadas por trabalhadores qualificados que gozavam de condição favorável no mercado de trabalho, muitos vinculados às corporações de ofício, conhecidas como trades unions.

além de constituir fundos para necessidade de ordem previdenciária (doença, óbito, etc.) dos seus associados, criavam outros fundos para realização de compras em comum. A primeira cooperativa de produção de que se tem notícia foi fundada por trabalhadores dos estaleiros Woolwich e Chartham, em 1760; eles construíram moinhos de cereais fugindo dos elevados preços impostos pelos grandes moleiros locais. Assiste-se à incorporação da idéia de criação de “aldeias cooperativas”, proposta e desenvolvida por Robert Owen (socialista utópico). Entre 1826 e 1835, período de efervescência do movimento owenista, tem-se registrado a existência de cerca de 250 cooperativas, em diferentes áreas industriais. Na França, como forma de contestação do sistema capitalista, outros socialistas utópicos como Saint-Simon, Louis Blanc e Charles Fourier tentaram organizar diversas cooperativas de produção, envolvendo os artesãos que tentavam sobreviver face à Revolução Industrial. Charles Fourier (1975) se destaca pela idealização e criação dos “falanstérios”: comunidades compostas por um grande número de famílias, onde as pessoas trabalhariam de acordo com os seus desejos e talentos e a distribuição das riquezas se daria em função da quantidade e qualidade do trabalho de cada morador, sendo consideradas as necessidades da família. Para Paul Singer (1998, p.93), o “mais importante, do ponto de vista social, foi a proliferação de cooperativas ligadas mais ou menos diretamente a sindicatos de trabalhadores de ofício”.

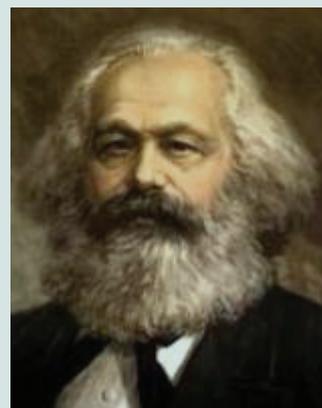
No interior do marxismo, é polêmica a discussão sobre o Cooperativismo e, em especial, sobre a gestão coletiva dos meios de produção no seio do capitalismo. Para Karl Marx (1974, p. 418), “estas fábricas demonstram como, ao chegar a uma determinada fase de desenvolvimento das forças materiais produzidas e das formas sociais de produção adequadas a elas, do seio de um regime de produção, surge e se desenvolve



Robert Owen



Saint Simon



Karl Marx



Os Pioneiros de Rochdale

naturalmente outro novo”. Considera que as associações cooperativas representam uma “brecha aberta” dentro do sistema capitalista. No entanto, o capitalismo só será derrotado quando a classe trabalhadora assumir o poder do Estado. Contrapondo-se a Eduard Bernstein que, depois da morte de Engels, em 1886, passa a defender o Cooperativismo como forma de democratização da sociedade capitalista, Rosa Luxemburgo (1976: p. 95) enfatiza que “as cooperativas, sobretudo as de produção, constituem uma forma híbrida no seio do capitalismo” e que se, no seu interior, “seguem predominando os interesses operários, elas terminam por dissolver-se”. Até os dias atuais, o movimento cooperativista tem como referência os princípios adotados pela cooperativa dos Pioneiros Eqüitativos de Rochdale, fundada em 1844 por 28 trabalhadores têxteis do norte da Inglaterra. Nas últimas décadas do século XX, o Cooperativismo se ampliou e se diversificou em vários países. Nos dias atuais, ele também se apresenta como um dos mecanismos utilizados pelo capital para responder às exigências do padrão de acumulação flexível e à crise do trabalho. A contratação de cooperativas para compor a cadeia produtiva, requerida pela organização toyotista do trabalho, faz com que sejam diminuídos os custos da produção, entre eles os custos dos direitos traba-

Nas últimas décadas do século XX, o Cooperativismo se ampliou e se diversificou em vários países.

lhistas que até então eram pagos pelos empregadores (TAVARES, 2004). No entanto, não se pode desconsiderar as experiências das cooperativas e organizações associativas da sociedade civil que pretendem justamente se opor à lógica sócio-econômica hegemônica; assim, para diferenciá-lo do “falso cooperativismo”, tem-se utilizado os termos “cooperativismo popular” e “cooperativismo autogestionário”.

3. Data de 1847 o início do Cooperativismo no Brasil, quando o médico francês Jean Maurice Faivere, inspirado nos “falanstérios” de Charles Fourier, criou a Colônia Teresa Cristina, no Paraná. Ao longo da década de 1890, foram criadas várias cooperativas de vários ramos e segmentos em diversos estados brasileiros. Seu ordenamento jurídico iniciou-se em 1903 e se consolidou a partir do decreto nº 22.239 de 1932, durante o governo Vargas. Na década de 1940, no período do Estado intervencionista, outros decretos regularam a vida das cooperativas. A Constituição de 1988 contribuiu para redefinir seu marco jurídico ao dispor, entre outros, a criação de “cooperativas independente da autorização, sendo vedada a interferência estatal em seu funcionamento” (art. 5º, inciso XVIII) e que “será dado adequado tratamento tributário ao ato cooperativo praticado pelas sociedades cooperativas” (art. 146º). A Lei nº 5.764/1971, instituída durante o regime militar, reza em seu art. 3º que os integrantes da sociedade cooperativa são “pessoas que reciprocamente se obrigam a contribuir com bens ou serviços para o exercício de uma atividade econômica, de proveito comum, sem objetivo de lucro”. A legislação em vigor define o regime jurídico, constituição e funcionamento das cooperativas e o sistema de representação do movimento cooperativista. O Art. 105 reza que a representação do sistema cooperativista nacional cabe à Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), instituída em 1969, durante o IV Congresso Brasileiro de Cooperativismo. Esta é signatária da Aliança

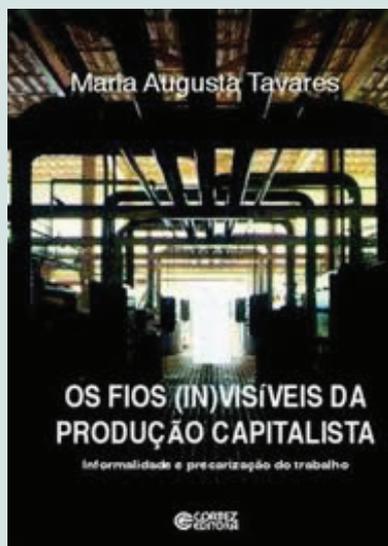


Charles Fourier

Cooperativa Internacional (ACI), criada em 1895, com sede em Genebra, Suíça. Pode-se afirmar a existência, na década de 1990, de pelo menos duas concepções e práticas de Cooperativismo no Brasil, sendo a primeira representada pela OCB. A segunda afirmou-se por meio da organização dos trabalhadores que, com a crise do trabalho, ocuparam as fábricas fechadas e criaram organizações econômicas associativas para assegurar seus postos de trabalho. A partir do ano 2000, o movimento tomou dimensão nacional, sendo coordenado pelo Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES) e pela Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES/TEM). No Uruguai e na Argentina ganhou relevância o Movimento das Fábricas Recuperadas e Empresas Recuperadas; na Venezuela, o governo Hugo Chávez criou, em 2006, o Ministério da **Economia Popular**, cujo objetivo é o fortalecimento de organizações econômicas e o desenvolvimento endógeno. Nesse contexto, o Cooperativismo é entendido como parte integrante da Economia solidária, composto por empresas e cooperativas autogestionárias, grupos de produção comunitária, clubes de trocas, instituições de crédito solidário, etc. (SINGER; SOUZA, 2000).

A partir do pressuposto do trabalho como princípio educativo e do caráter educativo dos movimentos sociais, o conceito deve ser apreendido considerando sua gênese e desenvolvimento histórico. As experiências práticas em que os trabalhadores se associam na produção de bens e serviços contribuem para que os sujeitos dos processos formativos possam discernir diferentes projetos de sociedade.

Autoras: Lia Tiriba e Edenise Antas



Bibliografia

ANTAS, Edenise. O caráter educativo dos processos de participação nas organizações econômicas populares: a experiência da Cooperativa Habitacional e Mista Shangri-Lá. Rio de Janeiro: Papel Virtual, 2004.

GUIMARÃES, Gonçalo (org). Sindicalismo & Cooperativismo. (org). São Paulo: Unitrabalho, 1999.

LUXEMBURGO, Rosa. Reforma o revolución. In Obras escogidas. Bogotá: Editorial Pluma, 1976, p. 47-118.

MARX, Karl. El capital. Crítica de la economía política. Libro III. México: Fondo de Cultura Económica.

RECHI, Daniel. RECH, Daniel. Cooperativas: uma alternativa de organização popular. Rio de Janeiro: FASE, 1995.

SINGER, Paul. Uma utopia militante. Repensando o socialismo. Petrópolis: Vozes. 1998.

_____; SOUZA, André Ricardo. A economia solidária no Brasil. A autogestão como resposta ao desemprego. São Paulo: Contexto, 2000.

TAVARES, Maria Augusta. Os fios invisíveis da produção. Informalização e precarização do trabalho. São Paulo: Cortez, 2004.

ECONOMIA SOLIDÁRIA/ ECONOMIA POPULAR/ ECONOMIA POPULAR SOLIDÁRIA

Economia Solidária é um conceito utilizado para definir as atividades econômicas organizadas coletivamente pelos trabalhadores que se associam e praticam a autogestão. De maneira simples, pode-se dizer que autogestão se refere à gestão de uma empresa ou de uma coletividade por aqueles que nelas trabalham ou vivem. As características dessa economia são enfatizadas por Singer (2003, p. 116) ao afirmar que as organizações econômicas solidárias possuem duas especificidades: “a) estimulam a solidariedade entre os membros através da prática da autogestão e, b) praticam a solidariedade para com a população trabalhadora em geral, com especial ênfase na ajuda aos menos favorecidos”. O princípio da **Economia Solidária** é a apropriação coletiva dos meios de produção, a gestão democrática das decisões pelos membros, a deliberação coletiva sobre os rumos da produção, utilização dos excedentes (sobras) e responsabilidade coletiva quanto aos eventuais prejuízos da organização econômica. Por ser uma forma de organização da produção e distribuição que visa às pessoas e não ao capital, a **Economia Solidária** se contrapõe à lógica da competição própria das organizações capitalistas; ao invés da apropriação privada, o objetivo é a apropriação coletiva dos frutos do trabalho. Ao contrário da perspectiva de uma sociedade do capital, denomina-se de empreendimento econômico solidário uma sociedade de pessoas que se associam e cooperam reciprocamente, tendo como objetivo a reprodução ampliada da vida.

O princípio da Economia Solidária é a apropriação coletiva dos meios de produção, a gestão democrática das decisões pelos membros, a deliberação coletiva sobre os rumos da produção.



Para Singer, a **Economia Solidária** surge no século XIX, “pouco depois do capitalismo industrial, como reação ao espantoso empobrecimento dos artesãos provocado pela difusão das máquinas e da organização fabril da produção” (2002, p. 24), resultando na proliferação de cooperativas de consumo, habitação, produção e crédito. O movimento, que se estende pela Europa, chega ao Brasil com os emigrantes; perde força devido à falta de apoio junto ao movimento operário e aos processos próprios de degeneração do cooperativismo.

No Brasil, a **Economia Solidária** ressurgiu na década de 80 do século passado como uma resposta dos



trabalhadores/as à crise social provocada pela estagnação econômica e a reorganização do processo de acumulação capitalista. Trabalhadores desempregados ocuparam fábricas fechadas e ativaram sua produção por meio da sua organização coletiva e autogestionária; agricultores familiares e assentados da reforma agrária organizaram cooperativas de crédito, de produção e de serviços para se contrapor à subordinação à agroindústria capitalista; comunidades urbanas e rurais organizaram coletivamente grupos de produção, compras coletivas e fundos solidários e rotativos de crédito; populações de catadores de lixo (nos lixões e nas cidades) organizaram sua atividade de coleta e reciclagem por meio de associações e cooperativas. O reconhecimento da **Economia Solidária** decorre da diversidade de atividades e formas de organização e de sua crescente articulação em sistemas cooperativos, redes de produção e comercialização, complexos cooperativos e cadeias produtivas. Embora o que defina a **Economia Solidária** seja o fato de que o trabalho cooperativo tem como objetivo a realização de uma atividade econômica, é preciso reconhecer que sua capacidade econômica (a viabilidade) reside mais no ato associativo e cooperativo do que no acesso e posse de bens de materiais. Segundo esta proposição, a formação de um grupo, associação ou comunidade, que atua cooperativa e cordialmente proporciona um conjunto de benefícios a cada membro e um melhor rendimento e eficiência à unidade econômica como um todo (RAZETO, 1993). Tal forma de organização econômica pode ser empreendida em todas as atividades econômicas, tais como produção, comercialização, crédito e consumo. Em seu sentido amplo, a **Economia Solidária** congrega ainda organizações e entidades (públicas e privadas) que, embora não organizem uma atividade econômica de forma autogestionária, dão apoio e assessoria para buscar assegurar a existência e viabilidade dos empreendimentos solidários.

O que estes “mundos” têm em comum é uma racionalidade econômica voltada para a satisfação das necessidades humanas e, portanto, têm como prioridade a produção e distribuição de valores de uso (e não de troca).

A crise estrutural do emprego, acompanhada da crise do paradigma keynesiano, que pressupõe a ação protetora do Estado a todos os cidadãos, levou às últimas conseqüências os processos de marginalização e exclusão da população do direito ao trabalho, saúde, educação e previdência social. Neste contexto, proliferaram, sobremaneira, as estratégias individuais e coletivas de trabalho, criadas pelos setores populares, na luta pela sua existência (ou sobrevivência). Tendo em conta a permanência de diferentes estilos e graus de associatividade, as iniciativas coletivas de trabalho podem ser consideradas como pertencentes aos “mundos” da **Economia Solidária**, da **Economia Popular** ou da **Economia Popular Solidária**. O que estes “mundos” têm em comum é uma racionalidade econômica voltada para a satisfação das necessidades humanas e, portanto, têm como prioridade a produção e distribuição de valores de uso (e não de troca). Outra característica é que as pessoas mobilizam basicamente suas capacidades de trabalho e recursos materiais disponíveis. A satisfação das necessidades depende fundamentalmente de utilização da força de trabalho pessoal e familiar e da mobilização da solidariedade, da reciprocidade, da cooperação próprias das relações comunitárias, de parentesco, familiares, vicinais, de amizade. Neste horizonte, o conceito de **Economia Popular** diz respeito às iniciativas econômicas populares que transcendem a obtenção de ganhos materiais e monetários; verificam-se, também, “nas ações espontâneas de solidariedade entre familiares, amigos e vizinhos, e também nas ações coletivas organizadas no âmbito da comunidade”, como, por exemplo, organização de creches comunitárias, mutirões para limpeza de valões e para construção de casas populares (ICAZA e TIRIBA, 2003, p. 101). Da **Economia Popular** compreendem desde atividades ilícitas

Enquanto o conceito de Economia Solidária enfatiza o caráter da solidariedade cooperativa e autogestionária, o conceito de Economia Popular Solidária enfatiza os sujeitos representados por esta economia (popular) e os valores e práticas solidárias comunitárias e familiares que fundamentam estas práticas econômicas e suas organizações.



(embora sejam socialmente aceitáveis), projetos comunitários ou grupos de produção associada, mercados populares, microempresas familiares até atividades como fundos rotativos ou solidários de financiamento, clubes de troca, etc. Compreende ainda as organizações associativas ou cooperativas organizadas pelos setores populares. Dependendo do grau de organização interna do empreendimento e de sua relação com outras redes associativas, a **Economia Popular** passa a ser compreendida com **Economia Popular Solidária**. Enquanto o conceito de **Economia Solidária** enfatiza o caráter da solidariedade cooperativa e autogestionária, o conceito de **Economia Popular Solidária** enfatiza os sujeitos representados por esta economia (popular) e os valores e práticas solidárias comunitárias e familiares que fundamentam estas práticas econômicas e suas organizações. O fato de a **Economia Solidária**, na América Latina, ter sua base social nos setores populares tem levado vários autores a preferirem a expressão **Economia Popular Solidária**.

O fato de a **Economia Solidária** se apresentar como uma resposta às contradições do capitalismo poderá significar que sua perspectiva será conjuntural e associada às formas como o próprio capitalismo enfrentará estas contradições. No entanto, a **Economia Solidária** poderá galgar horizontes mais amplos na medida em que, nos interstícios do capital, se fortalece como uma alternativa não capitalista. Alguns elementos presentes na experiência recente da **Economia Solidária** podem ser indícios desta perspectiva. Primeiro, a crescente organização dos empreendimentos econômicos solidários em redes e sistemas cooperativos mais complexos. Segundo, a crescente legitimidade e apoio obtido junto aos movimentos sindicais e sociais de trabalhado-

res, movimentos e organizações ecológicas e movimentos populares urbanos, partidos políticos, igrejas e universidades. Terceiro, embora sustentada na autogestão e autonomia dos membros sócios, a **Economia Solidária** tem elaborado suas carências e demandas sob forma de direitos. Assim, há uma crescente incorporação da **Economia Solidária** na agenda do Estado por meio da implementação de políticas públicas, inclusive de **Formação/educação em Economia Solidária**. Essa tendência à “publicização” da **Economia Solidária** permite visualizar uma possível transição de um movimento centrado nas necessidades econômicas imediatas da população para uma construção social e política incorporada a um processo de transformação estrutural da sociedade.

Autores: Lia Tiriba e Valmor Schiochet

Bibliografia:

Atlas da Economia Solidária no Brasil 2005, Brasília: MTE, SENAES, 2006.

GAIGER, Luiz Inácio (Org.). Sentidos e Experiências da Economia Solidária no Brasil, Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

ICAZA, Ana M. e Tiriba, Lia. Economia Popular. In.: CATTANI, Antônio David (org.). A Outra Economia, Porto Alegre: Veraz Editores, 2003, pp. 101-109,

RAZETO, Luis. Economia de solidariedade e organização popular. In.: GADOTTI, M. e GUTIÉRREZ, F. (orgs.). Educação Comunitária e Economia Popular. São Paulo: Cortez, 1993, pp. 34-58 (Col. Questões de Nossa Época; 25).

SANTOS. Boaventura de Souza (Org). Produzir para viver. Os caminhos da produção não capitalista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002

SINGER, Paul. Economia Solidária. In.: CATTANI, Antônio David (org.). A Outra Economia, Porto Alegre: Veraz Editores, 2003, pp. 116-125.

_____. Introdução à Economia Solidária, São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

Agradecimento aos Professores das Redes Municipais de Educação de Niterói e São Gonçalo que participaram na construção do material pedagógico

Adriana Martins dos Santos
 Alba Maria Souza do Nascimento
 Aluisio Tacildo Costa Filho
 Amanda Moreira Borde
 Ana Cláudia de Andrade Almeida
 Ana Cristina Costa Magalhães
 Andréa de Souza Fontes
 Ângela Maria Azevedo Rangel
 Angélica Quintanilha J. D. Lemos
 Anna Carolina Perez C. Martins
 Augusto Beug Netto
 Ayses Barreto Barbosa
 Bianca da Silva Duarte
 Carlos Fernando Vizeu Pontes
 Claudia da Silva Malta
 Claudia Helena Cezario Ferreira
 Claudia Paixão Conceição Rosa
 Cledir Ribeiro da Silva
 Cristine de Souza Coutinho dos Santos
 Danielle Velasco Estevam
 Dione Barbara da Silva
 Dulcineia Manhaes
 Edilene Corrêa Rocha
 Edson da Silva Gomes
 Elizabeth Moraes Vianna
 Fatima Moreira Magalhães
 Fernando Pereira do Nascimento Junior
 Gerson Barbosa Feitosa
 Gisele Batista Herdy
 Gloria Regina Zarate de Souza
 Hulda Correa de Lima Silva
 Isabel Christina Goudard Braga
 Izilda Maria Coutinho Araujo
 Jacira de Paiva Dobbin Barros
 Janaína Badini Tubenchlak
 Jane da Silva Chagas
 Janine de Souza Siqueira
 Joaquim Francisco de Pinho Filho
 Jorsélia Ferreira Santos
 José Augusto Costa Ribeiro
 José Renato Vieira Rodrigues
 Karla Christina Porto de Oliveira Ferreira
 Katia Cristina Eccard Bersot
 Layla Souza da Silva Amorim
 Liliane de Castro Matta Mangelli
 Lisiane de Aguiar Tavares
 Lucilene Nogueira Neves
 Lucimara de Oliveira Santos Coelho
 Maíra Vieira do Vale
 Márcia Luzia Cardoso Carneiro
 Márcia Valéria Ribeiro de Britto
 Marco Antonio Barbosa Bustamante Sá
 Marcos Marcelino Costa de Barros
 Maria Augusta Ferreira Miguel
 Maria José dos Santos Tavares
 Maria Lúcia Xavier Cavalcante
 Maria Luiza Pereira Soares
 Mauro Soares
 Mercêdes Olympia Costa Durão de Barros
 Monica Bento da Silva
 Osvaldo Elias de Brito Borges
 Patricia Ferreira Yamamoto
 Patricia Lannes de Oliveira Rodrigues
 Regina Celia Saboia
 Regina Quintanilha Braga
 Renata Campos Rodrigues
 Roberta Adriana Anillo Monteiro
 Ronaldo Pimentel Baptista
 Rosa Therezinha Tavares Gomes
 Rosângela Dos Santos Corrêa
 Rose Mary S. C. Ribeiro
 Roseli Lemos
 Rosely Farias Sardinha
 Rosinete Vitorino Mendes Guimarães
 Sergio Mendonça Kienen
 Silvana Augusta De Freitas Mota
 Silviane de Oliveira Silva
 Simone Santos dos Reis
 Thaiza Valéria Silva Soares
 Valéria Gualter Coutinho
 Vagner Luiz Brum dos Santos
 Vanda de Assis Torres Barreto
 Vera Lucia Braga
 Washington Mousinho Lins dos Santos



LEIA OS OUTROS CADERNOS DESTA COLEÇÃO

